

## PARADO NÓIS NUM FICA: A “COMPANIA” DO CIDADÃO, FOLIA DE REIS EM MONTE AZUL PAULISTA, SÃO PAULO =====

Monografia de **Rodolfo Witzig Guttilla** – 2190/84 – turma C, a cadeira de Antropologia XI – Movimentos Messiânicos e Milenaristas – Professora Josildeth Gomes Consorte – Curso de Ciências Sociais – Pontifícia Universitária Católica de São Paulo – 8º período/ 2º semestre de 1987.

Este trabalho é dedicado a todas aqueles que, de alguma forma, crêm em alguma coisa; e, em especial, ao Mestre Cássio e aos Foliões da Companhia do Cidadão.

E por fim, este trabalho é dedicado à “dona” Ruth e ao “seco” Archi, meus pais.

“O Inconcebível pode ser verídico e a impossibilidade depende da exrensão do nosso Entendimento. Não existe apenas o que não acreditamos. O não-compreender exclui a recusa axistencial. Negamos as Verdades dos Antigos, como os Vindouros recusarão as nossas. O povo, como as crianças e os “videntes”, têm a coexistência como o Impossível, para nós. O Incrível é uma fronteira na ignarência assimiladora. A imaginação a popular é memória viva das Ciências aposentadas pela Notoriedade”.

(**Câmara Cascudo in “Tradição, Ciência do povo”**)

“Cada um de nós é uma espécie de encruzilhada onde acontecem coisas. As encruzilhadas são puramente passivas; há algo que acontece nesse lugar. Outras coisas agualmente válidas acontecem noutros pontos. Não há opção: é uma questão de probabilidades”.

(**Levi-strauss in “Mito e Significado”**)

## PREFÁCIO

A folia de Reis é uma manifestação do catolicismo popular que ainda hoje pode ser encontrada, principalmente, nas zonas rurais dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e Espírito Santo; trata-se pois, de uma prática devocional que tem na figura do trabalhador agrícola, o lavrador, o seu principal aente – e “cliente”.

Suas origens mais remotas estariam nas danças e contos profansos bem como numa forma de teatralização dramática oficiada por ocasião dos festejos natalinos, que foram sendo gradualmente incorporadas à liturgia da Igreja Católica, como foram de atrair o gentio e instrumento de carequese na Europa da Idade Média.

Este trabalho irá abordar a fenômeno da forma como hoje se apresenta na zona rural do Município de Monte Azul Paulista, interior do estado de São Paulo. O grupo ritual observado, “Compania” do Cidadão – também conhecida por Companhia do finado Moacir – atua na região há 33 anos com uma clientela devocional de cerca de 80 famílias, constituindo-se assim, no grupo mais tradicional daquelas “**bandas**”.

Boa parte das reflexões que seguem, foram inferidas a partir da leitura dos estudos que o Antropólogo Carlos Rodrigues Brandão escreveu sobre o assunto; dentre estes, “Os

Deuses do Povo”, obra indispensável para aqueles que quiserem se aprofundar no estudo daquilo que o autor, a exemplo de Pierre de Bourdieu, nominou por “campo religioso”.

*Catarse* é o termo que se aplica para expressar a experiência que foi revisitar a Folia de Reis e suas personagens.

Ainda hoje, sempre que eu me volto para dentro e para trás, em busca de referências que me ajudem a ficar aqui a fora e seguir adiante, é nas noites de janeiro de minha meninice, passadas na fazenda da família materna, a Monte Rosa, que a minha inquietude encontra pousada.

Noites de céu “**Coalhado**” de estrelas (céu de brigadeiro, meu pai me dizia) e ruídos que inquietavam o sono do paulistaninho: o gambá correndo no forro da casa, a saparia cantando no açudinho, o gemido triste do Urutua e , lá longe em colônias distantes 3, 4 kms., o bumbo do “tio” Moacir.

O bumbo ao longe era sinal de que nas próximas noites, a “Compania” de Reis passaria pela fazenda, e prenúncio de grandes aventuras: varar a madrugada tateando pelas “cantando” as colônias; atravessar “pinguelas” no puro breu; entrar na casa de todo mundo e correr a sentar nos estofados (raros); chistar e correr do temido palhaço.....

Tudo isso para dizer que é bem possível que, vez ou outra, distanciamento crítico do Pesquisador em relação ao seu objeto de análise, tenha ficado um pouco aquém do estabelecido pelas Ciências Sociais. Mas tenho a certeza de que este distanciamento não foi comprometido.

Tampouco tive a pretensão de ser metodologicamente original; se existe (e existe) alguma originalidade no texto, ela atende pelo nome de Compania do Cidão. Eu apenas a decodifiquei. Só espero ter tratado o assunto com a dignidade que lhe é devida.

R. G.

## **I) FALANDO DA ALDEIA. A TÍTULO DE INTRODUÇÃO**

O município de Monte Azul Paulista, SP, à 410 km da capital, nasceu de um ato de *fê*. Conta que em 1896, fazendeiro Felipe Cassiano Alves, devoto fervoroso do Senhor Bom Jesus, cumprindo uma promessa que havia contraído em esposa que caíra com grande moléstia, doou parte de suas terras, das fazendas Palmeiras e Cachoeirinha, e obteve outra porção entre locais , para a fundação de uma cidade. Nem bem a mulher havia arribado, a escritura de doação e divisão já havia sido lavrado em Bebedouros, sede da Comarca.

Boa parte destas terras – cerca de 80 alqueires, cortados pelo rio Avandava – pertencia à fazenda Avandavinha de propriedade de Joaquim da Costa Penha. Assim, o primeiro nome do recém fundado vilarejo foi “São Bom Jesus do Avandavinha” também tratado por “Aparecida do Avandavinha”. Depois mudou-se para “São Jesus de Monte Azul”, logo abreviado para Monte Azul. Em 1948, Após algumas querelas com o governo Federal, o município adota o nome definitivo de Monte Azul Paulista. (1)

No final do século XIX, Monte Azul não escapa à marcha que a lavoura cafeeira empreende à região “oeste” do estado – o “Oeste Histórico” nas palavras de Paula Beiguelman, que corresponde ao Norte e Nordeste geográfico, à região de Ribeirão Preto, Franca e Bebedouros, o “Sertão de Bebedouro” de solo rico e topografia regular, facilitará bastante o transporte do produto para a capital.(2)

Grandes porções da terra virgem da região foram sendo rapidamente ocupadas pela nova cultura; uma cultura, como se sabe, que trata cotidiano e um grande número de braços para a sua manutenção. Nesse sentido, as fazendas que privilegiam este tipo de (mono) cultura, farão construir próximos à sede – às vistas do patrão – núcleos residenciais de casas rústicas de taipa e de chão de terra batida para abrigar os novos empregados – alguns aproveitaram mesmo as antigas senzalas, em nada modificando-as.

É esta realidade de trabalho duro e vida tosca que encontrará o imigrante italiano, e dentre estes o vêneto (3), que virá suprir, ao lado do negro recém-liberto e do caipira local, a força de trabalho necessária para o cultivo da lavoura de café.

Talvez aqui deveríamos abrir um parêntese para perguntar com Cornélio Pires: Mas afinal, o que são caipiras?; a que este responderá, traçando o perfil mais pungente em toda literatura brasileira, desse personagem:

“São os filhos de nossas brenhas, de nossos campos, de nossas montanhas e dos ubárrimos vales de nossos piscosos e caudalosos, encachoeirados e inumeráveis rios, “acostelados” de milhares de ribeirões e riachos.

Nascidos fora das cidades, criados em plena natureza, infelizmente tolhidos pelo analfabetismo, agem mais pelo coração do que pela cabeça. Tímidos e desconfiados ao entrar em contato com os habitantes da cidade, no seu maio são expansivos e alegres, folgazões e francos; mais francos e folgazões que nós outros, os da cidade. De rara inteligência – não vai nisto exgêro – são, incontestavelmente, mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros. Compreendem e aprendem com maior facilidade; fato aliás, observado por estrangeiros que com eles tem tido ocasião de privar.

É fato: o caipira puxador de enxada com a maior facilidade se transforma em carpinteiro, ferreiro, adomador, tecedor de taquaras e guembê, ou construtor de pontes. Basta-lhe uma só explicação bem clara: ele responderá:  
- “Se os ôtros fâis... porque não hi de fazê!... Não agarrando munto, mais vô experementá.  
**(“Conversas ao Pé do fogo”, pg. 5 e 6).**

Destituído da terra que ele e sua família desmatou e destocou (“**abriu**”), os caipiras que não eram escorraçados pelos coiteiros do grande proprietário para um sertão mais longíquo e fronteiroço, permaneciam nas fazendas, alguns empregados na lavoura, outros na condição de agregados, ligados algumas vezes ao proprietário por relações de compadrio ou subserviência: **“Os caipiras não são vadios: ótimos trabalhadores, têm crise de desânimo quando não trabalham em suas terras e são forçados a trabalhar como camaradas, a jornal. Nesse caso o caipira é, quase sempre, uma vítima”.** (idem, pg. 6)

## PATCHWORK =====

A reunião de grupos culturalmente tão distintos servirá, como fermento para uma cultura “sui-generis”, sincrética, do tipo “colcha-de-retalhos”, que encontrará na *colônia* (do italiano/colônia/; nome dado ao agrupamento das casas dos empregados da lavoura de uma fazenda) o espaço privilegiado para a formação de uma visão de mundo bastante particular, dada a sua condição de semi-isolamento.

A relação do *colono* com o núcleo urbano próximo, será comecida no início; pois as fazendas tratarão de prover os víveres necessários para o seu sustento (4).

Após esta primeira fase, acredito que lá pelo final da década de 20 – é possível que em algumas regiões o fenômeno tenha se registrado um pouco antes, ou um pouco depois – o contato do colono com o centro urbano, passa a se dar de forma intermitente, indo o lavador buscar na cidade algum cuidado método ou conforto espiritual em igrejas, templos e bares de arrebalde.

No início dos anos 40, uma nova lavoura estabelece-se com grande sucesso na região: a *laranja*; isto se deu porque o preço do café brasileiro começou a oscilar, até despencar de vez na cotação do mercado exterior, como resposta ao surgimento dos concorrentes colombiano e antilhano – à preços mais competitivos, graças aos baixos custos operacionais (mão-de-obra) verificados nestes países. Com isto, o produtor nacional teve que buscar culturas alternativas para continuar no negócio.

Sem se desfazer do café, boa parte dos fazendeiros da região em questão irá optar pela laranja, uma vez que a cultura se adaptava excepcionalmente ao clima quente- e solo rico – da região. Assim como o café. A laranja é uma cultura que requer cuidado e trato cotidiano (carpa, pulverização etc); com isso ocorreu no período, novo surto migratório, principalmente de mineiros – tradicionais “foliões” – para atender a demanda de mão-de-obra local.

Concomitantemente a isto, a distância entre colônia e cidade foi estreitando-se; hoje em dia, é comum que o colono antigo, fixado já há algum tempo em uma fazenda, possua carro, o seu “poisé”, e faça o percurso até 3 vezes por semana ou, ao menos, aos sábados que é dia de pagamento e das compras da semana (5).

O carro, que encurtou a distância do núcleo urbano, e, mais intensamente a partir de meados de 70, a televisão, trataram de transformar o colono em “cidadão do mundo” – o mundo ideologizado e pasteurizado das classes médias urbanas, evidentemente; abalando, modificando e, por fim, desestruturado a sua visão de mundo virgem e fechado. “Para que uma cultura seja realmente ela mesma e esteja apta para produzir algo de original”, diz Levi-Strauss, “a cultura e seus membros têm de estar convencidos da sua originalidade e em certa medida, mesmo da sua superioridade sobre os outros; é somente em condição de *subcomunicação* que ela pode produzir algo. Hoje de sermos apenas consumidores,

indivíduos capazes de consumir seja o que for que venha de qualquer ponto do mundo e de qualquer cultura, mas desprovidos de qualquer grau de originalidade ”. (Mito e significado”, pg. 34)

## OS DISSIDENTES DA VELHA ORDEM=====

Se o quase isolamento inicial da colônia, deu as bases necessárias para a cristalização de uma teia de relações sócio-culturais que ainda hoje diz presente através de sua cozinha, de sua música, festa, assim como de suas relações econômicas, famílias e, sobretudo, através de sua *religiosidade e fé* – que, a meu ver, de uma maneira ou de outra, condicionada boa parte das formas de representação citadas (e convenhamos, não se trata de discutir *apenas* condicionantes estruturais e super-estruturais...), por outro lado, a proximidade do núcleo urbano, somadas às transformações nas relações de trabalho, com o aprofundamento do modo capitalista de produção, engendrou uma nova e mais sofisticada visão do mundo em boa parte dos trabalhadores rurais, que não encontrarão mais no “**Santo Reis**”, as respostas para as suas novíssimas e angustiantes questões; diz C.R. Brandão: “Na verdade, muito mais que o milagre, os sujeitos subalternos esperam da religião a *proteção*. Mesmo um fiel que nunca tenha sido escolhido para um milagre, continua devoto, desde que se reconheça ligado ao sagrado e protegido por alguma de suas forças. No entanto, mais ainda do que *proteção* camponeses e proletários procuram encontrar a *identidade* que a crença e a prática religiosa sobrepõem aos nomes comuns dados às categorias “**dos pobres**”, segundo a posição de suas práticas econômicas. Mas, tanto quanto ou um pouco mais de uma identidade que legitima, ao mesmo tempo, o sujeito e a classe, eles esperam da religião *um inventário de certezas fundamentais – mesmo quando vagas – sobre a vida, o mundo e as de trocas entre ambos*” (grifo meu. Em “**Os Deuses do povo**”, pgs. 140, 141).

Estes dissidentes da antiga ordem, passageiros de um caos pluri-cultural, mal vistos pela igreja pós-conciliar (que não é o caso da única igreja de Monte Azul) que pretende também ela impôr aos simples a sua teologia, irão encontrar no *pentecostalismo*, o protestantismo popular (fenômeno que ganha vulto, na zona rural observada em meados de 70) a sua identidade perdida. Nesse sentido, confidenciava-me desesperançoso sobre o rumo das “coisas”, Mestre Guego: “(...) de uns 6 anos pra frente (há 6 anos atrás) ocê saía com uma Companhia de Reis, ocê era bem recebido; então ocê passava companhia. Agora, de uns 4 anos pra cá, existiu bastante crente; então ocê passa numa colônia, metade dela é só crente. Aí ocê fica meio dizanimado pra saí co “a Companhia de Reis. Então eu acho que se fosse que nem aquele outro tempo, era mais melhor, né? Porque ocê pegava uma colônia pra cnatá Reis, ocê passava ela inteirinha. Agora ocê entra numa colônia pra cantá Reis, com duas, treis horas ocê faz ela, porque a maioria é crente”.

## A FOLIA DOS REIS=====

A folia de Reis é uma manifestação do catolicismo popular, observável nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo e Rio de Janeiro ( sobretudo nas zonas

rurais destes estados), que busca representar a viagem que os “**Três Reis Magos do Oriente**” teriam empreendido à Belém, para adorar Jesus recém-nascido (6).

A sua origem remota à Europa Medieval quando a Igreja Católica Romana incorporava à sua liturgia, música e danças profanas como forma de atrair o populacho. A estas danças, dava-se o nome de “**Folia**” e aos cantores, músicos e dançarinos, “**Foliões**”. Essa manifestação difundiu-se através dos séculos por todo o continente, sendo bastante comum no Portugal colonialista durante os séculos XVI e XVII.

Paralelamente a isto, já a partir do século XI, aparecia dentro da igreja, por ocasião dos festejos natalinos, uma forma de representação dramática ao mesmo tempo litúrgica e catequética. O primeiro destes dramas, narrando o nascimento de Cristo, o *Officium Pastorum*, criado a partir do Evangelho Segundo São Lucas, era celebrado junto ao Intronização da Missa de Natal.

Com o tempo, os festejos natalinos prolongaram-se até a festa da Epifania (a aparição divina), 12 dias após o Natal; logo, novos personagens são incorporados ao drama – Herodes e seus soldados, os bichos da manjedoura etc – e as ‘aventuras’ dos 3 Reis Magos conquistam o imaginário popular, ganhando com isso papel de destaque na história; história que irá constituir-se num segundo drama litúrgico, o *Officium Stellae*, que acabará por incorporar o anterior.

No Brasil, os jesuítas colonizadores usaram da dança e música, a “Folia”, e do drama como instrumentos de catequese dos índios pagãos e dos negros e mulatos. Com o passar dos anos, estes folguedos, já incorporados pelo povo, passarão a concorrer com a própria cerimônia litúrgica oficial.

Vendo que a folia escapava ao seu controle, formando seus quadros de “**sacerdotes**” entre o povo leigo, as autoridades eclesiais passaram a coibir e condenar estas manifestações “**profanas**” até proibi-las de vez: “Aquilo mesmo que a igreja introduzira e usara”, diz C.R. Brandão em “Memória do Sagrado”, “seja para a catequese de índios e negros, seja para um tolerante controle simbólica da ordem social, passa a ser definido como prática profanadora, quando feito dentro ou fora de igreja, sem e presença e a direção do clero (...) As acusações e atos de colégio eclesiástico partem sempre de um mesmo princípio. O de que, ao passarem *socialmente* da iniciativa e da direção do clero para as de agentes leigos – rezadores, caelães, beatos populares, chefes de grupos rituais – os mesmos rituais de devoção da Igreja transformam-se em festejos populares e, portanto, ilegítimos” (op. cit., págs. 137 a 146). (7).

Em seu “**Compêndio narrativo do peregrino da América**”, publicado em Lisboa no ano de 1728, Nuno Marques Pereira (1652/1733), descrevendo a sociedade brasileira, suas festas e superstições, deixou aquele que seria um dos relatos mais antigos acerca da Folia de Reis, já praticada por agentes leigos: “... uma noite dos Santos Reis, saíram estes (homem) com vários instrumentos pelas portas dos moradores de uma vila, cantando para lhes darem os Reis, em prêmio do que uns lhes davam dinheiro, e outros doces, e frutas etc, e chegaram a uma casa e começaram a cantar um tono, cuja letra dizia:

Guerra travada se ruge

Entre Florêncio e Floresta

Acudi cá, minha Dama,

Que ferve a bulha na festa.

Andavam uns mancebos desenfadados (para não dizer vadios) em surgimento dos músicos, e assim como os ouviram cantar com tal concerto, ou desconcerto começaram a apedrejá-los: e como os cantores vissem que lhe não podiam fazer resistência, usaram de corridas, e os passos, ou compassos, nas pausas tacitamente” (em Câmara Cascudo, “Antologia do folclore Brasileiro”, vol.1,pgs. 52 e 53.

Há 50 anos, quando as relações de trabalho no campo ainda eram outros, e o colono e o parceiro (meeiro, terceiro...) tinham uma *relativa* autonomia para administrar seu tempo, sua jornada de trabalho como melhor lhes conviesse (8), a Companhia de Reis, nome dado ao grupo ritual composto por cantores, instrumentista, palhaços, bandeireiro e macuco – os ‘foliões’ – saía a pé em peregrinação pelas estradas poirentas da região, na meia-noite do dia 25 de dezembro, parando nas casas que encontrasse pelo caminho pedindo esmolas, refeição e pouso e cantando louvores em nome dos Reis Santos, até “**bater**” (chegar) na casa do festeiro do ano – aquele para quem a bandeira estava saindo – ao meio do dia 6 de janeiro, onde era recebida com a sua ‘Jornada Santa’.

A partir do momento que as antigas relações de trabalho foram sendo gradualmente desbaratadas (9), e o trabalhador rural convertido em *salariado puro* (recebendo *exclusivamente* dinheiro como pagamento pelo seu trabalho), a “**Jornada Santa**” precisou ser revista à luz das relações de produção capitalista e adequar-se ao novo sistema:

“Hoje nós depende do salário nosso pra nós comê, certo? Então, primêro não. Todo mundo prantava uma rocinha, outro prantava uma coisa... Qué dizê, é a vantage que eles tevéro (...) mas depois, foi mudando as coisas (...) nós chega lá agora, vamo cantá a noite intera, e o povo lá? Amanhã eles tem que trabaiá... Eles não pode ficá mais até tarde. Hoje não tem condição pra cantá assim” (Tonhão, o bandeireiro da “Compania”).

Atualmente, a “Compania” do Cidão (também conhecida como “Compania” do *finado* Moacir, “Compania” do Monte Rosa, ou ainda Folia do Cássio – mestre da “Compania”) sai em moeda do mês de novembro, cantando apenas aos fins de semana, das 20 horas do sábado às 5 horas do domingo, uma vez que os foliões são todos trabalhadores salarizados das Fazendas Monte Rosa e São Roque e, outro poucos, trabalhadores autônomos da lavoura e empregados do comércio, residentes na periferia de Monte Azul Pta.

## AS ORIGENS=====

Em meados da década de 50, quando a “Compania” foi formada por iniciativa da molecada do Lambari (colônia da Fazenda Monte Rosa), os irmãos Moacir, Cássio e Venir; e ainda Láurico, Dito, Tonho e Nérsio, a situação – condição estruturais, como queiram – já

não permitia aos jovens foliões cumprirem a sua “**Santa Devoção**” como mandava o figurino: de acordo com a tradição iniciada pelos seus pais, ou pelos pais de seus pais, permanecendo tantos dias em jornada. Segundo consta, o primeiro ‘giro’ foi tímido, limitando-se às duas colônias do Lambari; inclusive porque os jovens foliões não possuíam conhecimento ritual suficiente para se aventurar longe com o risco de perder a bandeira para algum mestre mais preparado (10). Ao que tudo indica, foi o pai do Láurico, o ‘seo’ Cantdotti, quem iniciou a molecada nas práticas rituais da Folia, na música e nos versos.

A história, ou estória, destes primeiros tempos está revestida por uma mística que, todos aqueles que a ela se referem acentuam **a)** a inclinação precoce dos foliões e **b)** a rusticidade de seus instrumentos, o que tornava ainda mais penosa a tarefa. Na Verdade, seria preciso reproduzir aqui a *atitude* séria, o *tom de voz* compenetrado dos meus informantes ao relatarem estes feitos, para que o leitor pudesse se aperceber do mistério ao qual me referi e eu envolve a gênese da “Compania”:

“Tem 32 prá 33 anos (que sai a “Compania”). O início foi nós mínino. Eu o Compadri Láurico, o Nérso; o Moacir já era veio não cabia; o Antonho, o Dito, uma molecada. Um cavaquinho e um pandêro só (...) no outro ano, o Antenor mais o Moacir entro. Já tinha dois hóme então cum nós. No tercêro, aí é que formaro os hóme, aí já entro o Lázaro. Mas no primêro ano foi só molecada” (Mestre Cássio).

“Diz que a primeira vez que saíram, só entre moleque. Eu ouvi o Moacir dizê que eles batiam Folia de Reis numa lata, e tinham uma caixa. E era só moleque” (Benedito Ferreira, o Nanico. Folião)

Algum tempo depois, provavelmente em seu terceiro ano, visto que a Compania persistia e que já possuía uma boa fatia de devotos, juntou-se a ela Mestre Juventino, mestre respeitado em Monte Azul. Com isso a Compania profissionalizou-se, por assim dizer, e ganhou o mundo: novas colônias foram incorporadas ao ‘giro’. Não havia longe. Foi a fase de consolidação da então “Compania do Moacir” (o mais velho dos três irmãos e o líder da molecada, investido agora da posse e guarda da prática ritual do grupo).

Nessa época, Cássio, contra-mestre e flautista da “Compania”, iniciava-se com maior disciplina no apredizado dos versos rituais. Moleque curioso, não havia verso que lhe passasse sem demorada inquisição de *quantos e porquês*. É ele quem nos conta:

“(…) foi assim uns 3,4 anos. Aí uma vez, quando eu tinha 15 anos, ele (o Mestre Juventino) faiou (falhou) uma vez, não foi tocá a folia. E nós estávamos todos ali reunidos e o hóme não aparecia. Foi aí que eu falei pro meu irmão Moacir: Se ocê quizê ir, *vamos que eu sei*. E aí nós fomos”.

A partir deste dia e com o término da jornada naquele ano, Cássio ascendeu à condição de *Mestre* e a família Mateus da Costa (representada pelos irmãos Moacir e Cássio) ao controle dos postos-chaves na hierarquia ritual do grupo – “**Dono da Compania**” e “**Mestre**”. Situação que mantém-se inalterada até os dias de hoje.

## II AS PERSONAGENS RITUAIS=====

Cerca de 25 ‘foliões’ estão diretamente envolvidos com as práticas rituais da Folia de Reis. Além deles, outras pessoas participam: são os devotos; que esperam que a Bandeira passe por suas casas para assim poderem cumprir a sua parte no ritual: dar esmola e abrigo (excepcionalmente um almoço ou jantar) em paga a uma promessa cumprida; ou ainda, para contrair nova promessa em nome “**Santo Reis**”. Voltaremos a falar deles mais adiante.

Todas estas pessoas são católicas, conhecem o nome de dezenas de santos, casam-se e batizam seus filhos na única igreja do município: a Matriz de Monte Azul Pta. Mas raramente a freqüentam.

Nesse sentido, é possível que C.R. Brandão tenha razão ao afirmar que “o camponês e o operário são fiéis ao seu modo, mas não são iludidos. Mais pelo que fazem do que pelo que dizem, quando falam de seus feitos de fé, eles avisam que a ordem da religião erudita, é a ordem religiosa da dominância política. Por isso, a distância, eles crêem nos seus poderes sagrados e profanos e os respeitam; evitam as suas agências por meio de usos raros e compromissos frouxos e, quando possível *preferem fabricar a sua própria crença e os seus próprios cultos*” (grifo meu); e arremata: “De acordo com os termos de casa momento do seu poder de resistência, o popular varia a maneira como abomina a igreja, tomada como agência padrão da religião erudita, e desconfia dela como desconfia da sala do patrão ou do prefeito, do fórum e da delegacia” (op.Cit., pgs. 137/138).

Atualmente a “Compania” do Cidão é composta pelas seguintes personagens rituais: o Dono d “Compania”, os Mestres (2), os Contra-Mestre (2), os palhaços (3), o Bandeiroiro, os músicos (12) e o Macuco. Acompanham ainda o Grupo: o Festeiro, algum devoto e a molecada aprendiz.

## O DONO DA COMPANIA=====

Empregado de Fazenda São Roque, Cidão é o atual Dono da “Compania” que leva seu nome. Aparentando 27 anos, o rapaz sucedeu ao pai na direção do grupo há de 7 anos (11). Seu pai, o *finado* Moacir, foi um dos fundadores do grupo e líder entre os foliões.

Tido e havido por “**desinteressado**” (“se dependesse dele a Bandeira não saía”, objetou-me um informante de língua frouxa) e “molão”, Cidão administra, ou melhor “**Toca**” a sua devoção sem grande brilho. A verdade é que falta ao rapaz as qualidades necessárias para um líder: tímido, pouco palpita nos assuntos referentes à “Compania” – talvez por isso, os moradores antigos da região, tratem a “Compania” por “**do finado**”; prova insofismável do prestígio do morto.

A sua posição lembra muito a da Rainha da Inglaterra: herdeiro por tradição, tem função meramente figurativa. No tempo em que o posto pertencia ao pai era diferente: o *Dono* tinha ingerência nas ‘coisas’ do *profano* e do *sagrado* tanto no que dizia respeito à

festa, quando nas deliberações rituais. Hoje em dia não: sob o pulso pouco firme do rapaz, o dono trata somente das lides profanas como, por exemplo, consertar e cuidar dos instrumentos de percussão da Companhia (que são de sua propriedade); cuidar dos arranjos da festa; resolver problemas de última hora etc.

É fato que o rapaz conhece algumas dezenas de versos rituais, bem como a maioria dos foliões. Mas falta-lhe a visão do todo, a curiosidade e principalmente o talento, qualidades que o fariam depositário e guardião das práticas rituais do grupo (e da família, que possui um prestígio enorme da região); conhecimento que seu tio, Mestre Cássio, na falta de alguém mais interessado, está passando para o segundo Mestre da Companhia, o Guego (José Bezerra), antigo Mestre da Companhia do Asílio de Monte AZUL Pta., corpo-estranho já assimilado pelo tecido local... Mas não adiantemos o carro aos bois.

Ficou faltando dizer com que **“toca”** a sua **“Compania”**, é músico, revezando-se entre o bumbo, a caixa, o pandeiro e o **“xacoáio”**.

## **O MESTRE**=====

É a principal personagem ritual da Folia de Reis. Por conhecer os versos melhor que qualquer outro, é ele quem ‘puxa’ a cantoria; ao que imediatamente seguido pelo *contra-mestre*. Deve também saber improvisar sobre temas e acontecimentos inesperados, como por exemplo, a queda acidental da bandeira, ou o encontro com outra **“Compania”**.

Em nosso caso específico, pensando em uma hierarquia interna ao grupo, Mestre Cássio é quem comanda a **“Compania”**. Nesse sentido, inexistente a figura do **“gerente”**, ou **“fiscal”**, tão comuns outras regiões. Assim, ele é o responsável pelo bom comportamento dos foliões:

“Primêra obrigação minha, eu acho que é essa: quando nós sai, eu pido pra turma levá tudo no respeito, respeitá as casa,num aproveitá di bibida... É essa função. Organizá. Controlá um companhêro com o outro, porque ali, é uma devoção” (Mestre Cássio).

Quem lhe confere a legitimidade de agente do sagrado, de intermediário dos Santos Reis na terra, é a própria comunidade local a qual ele serve; que aprendeu a respeitar e confiar em seu poder de sacerdote. Respeito e confiança que o velho Mestre granjeou na lida cotidiana, em seus 33 anos de ofício.

Um ofício iniciado como já vimos, ainda menino, acompanhando e inquirindo antigos **“reizêros”** e Mestre da região; como o **“seo”** Candotti; o temido Juca Bahiano; Zé de Paula; João boi e, mais tarde, aos 15 anos, ocupando o espaço deixado por Mestre Juventino, seu preceptor.

Em determinado momento, ao deixar de **“tocar”** a **“Compania”**, Mestre Juventino abriu um espaço que o aprendiz prontamente ocupou. Mas a sua conversão de neófito em Mestre só foi incorporada e legitimada pela comunidade devota, quando o rapaz,

entregando a bandeira no dia 6 de janeiro daquele ano, e nos anos seguintes, deu demonstrações de conhecimento ritual, seriedade e devoção.

Referindo-se ao aprendizado de seu ofício, Mestre Cássio enumera três fontes de conhecimento que teriam lhe servido em diferentes fases da vida: os “**antigos**” (os mais velhos); o “*livro do Santo Reis*” e a Bíblia – um *secular*, outro *mítico* e outro *religioso*.

Secular foi o seu primeiro contato com a Folia de Reis, acompanhado desde cedo a bandeira, com outros foliões, “**reizêros**” e Mestres. Com eles Mestre Cássio aprendeu a maior parte do seu ofício: a música, os versos, os procedimentos rituais, as mumunhas etc.

No entanto, é ao “*livro de Santo de Reis*” que Mestre Cássio credita a maior parcela de sua sabedoria. Foi este livro que supostamente teria introduzido o rapaz nas coisas do sagrado, nos versos e nos rituais do “**Santa Reis**”:

“(…) foi quando o Cássio diz que achou aquele livro; então ele interessou por aquele livro, ele leu... eu nunca ouvi dizêr que existe daquele livro... ele diz que acho e que aprendeu muita coisa ali naquele livro. Foi donde aspiro Folia de Reis” (Nanico) “Muitas coisas eu tirei pelo livro de Santo Reis (...) ele tinha capa de um lado só esse livro (...) o meu eu *achei no lixo* sinceramente eu falo, eu achei lá no lixo em Monte Azul Pta.; sei là ... *eu também nunca procurei um padre nem nada pra perguntá se existe*. Nunca procurei...” (Mestre Cássio)

Alguns anos depois, o livro sumiria nas mãos de um companheiro convertido em “**crente**”:

“O Tim Belo teve um problema (...) da muié dele que feliz promessa e eu cantei pra ele aquele ano (...) no dia em que entreguêmo a bandêra, ele falo: Cássia (...) ocê me traiz ele pre’u dá uma lida? Tudo bem. No dia em que viemo fazê a festa eu troxe o livro, entreguei pra ele, falei: ó, o livro taí ... E... eu já procurei esse livro, agora, ultimamente eu to sabêno, diz que ele mudou de religião. *Deve ter jogado fora*” (Mestre Cássio).

Origem e fim semelhantes: achado no lixo e jogando fora (como é que é a história?) Do pó viemos...).

Na verdade, é mais provável que o tal livro só existe na narrativa do velho Mestre e dos foliões, enquanto *Mito*. A sua função estaria em *socralizar* o saber profano do Mestre (12).

A Bíblia é outro texto que Mestre Cássio invoca para legitimar suas práticas rituais: “Muito eu tiro pela Bíblia (...) muitos Mestres de Reis, eles tira pela Bíblia; e pela Bíblia eu conheço muito Mestre bão...” (Mestre Cássio).

Seus versos estão repletos de personagens e acontecimentos bíblicos; mas em sua leitura, o que era estático ganha movimento: ao fabulário sagrado – cristalizado – o sacerdote popular incorpora novos “**causos**”, novos personagens, novos cenários, onde os santos adquirem qualidades e os vícios dos homens comuns – à exemplo dos Deuses da

mitologia Greco-Romana – e as “**aventuras**” dos Três Reis Magos tem mais importância do que o nascimento de Cristo (...)

E a veia Joanna D’arc

E a veia Joanna D’arc

Reuniu seu batalhão

Reuniu seu batalhão

São Jorge era o guerreiro

São Jorge era o guerreiro

Muntado no seu cavalo

Muntado no seu cavalo

Com sua espada na mão

Com sua espada na mão

Lutava contra o dragão

Lutava contra o dragão

Os três Reis do Oriente

Os três Reis do Oriente

Que já tinha retornado

Que já tinha retornado

Quando veio de Belém

Quando veio de Belém

Vortarô pra Galiléia

Vortarô pra Galiléia

Passarô berando o manto

Passarô berando o manto

Pra si livrá do Herodi

Pra si livrá do Herodi

(...)

(versos do NASCIMENTO. Mestre Cássio)

De seis anos para cá, a “Compania” do Cidão conta com os serviços de um segundo Mestre: Mestre Guego (José Bezerra) de Monte Azul Pta. Além de Guego, outro seis integrantes da família Bezerra são foliões da mesma “Compania”: O pai, ‘seo’ Bezerra, cumpadi do finado Moacir, flautista; o irmão, Antônio Messias, seu Contra-Mestre (cad Mestre tem o seu próprio Contra) e Ceixêro (tocador de caixa); outro irmão, o Sami, chefe dos palhaços; o irmão mais jovem e os dois filhos mais velhos, também palhaços. Antes disso, Mestre Guego e sua família foram os responsáveis, por dois anos, pela “Compania” do Asilo de Monte Azul Pta. (entidade benemérita mantida pela Santa Casa local).

Na cidade, a família bezerra não conseguiu os quadros necessários para formar uma “Compania” estável:

“Em Monta azul, ocê vê (...) cada dia um parcerô. Um dia cantava um, outro dia com atro ocê nunca tinha a turma unida. Enquanto lá no Cássio é aquela turma de sempre” (Mestre Guego); tampouco conseguiu estabelecer uma clientela fixa para seus serviços: isso porquê, como já vimos, Folia de Reis, enquanto sistema religioso do catolicismo popular, faz parte de um todo articulado que é a visão de mundo do colono, o morador da colônia.

O trabalhador rural que mora na periferia dos centros urbanos ou que, de alguma forma, gravita em torno destes centros, ou já se filiou a alguma nova área confessional (pentecostalismo, Batista etc. ou ainda Umbandista), ou já não crê mais nos poderes dos Santos Reis, ou ainda desconhece essa manifestação religiosa:

“(...) na hora em que ocê chegava nas portas coma bandeira, com a Compania de Reis, então ocê pidia pra cantá, eles aceitava pur causa das novelas; televisão ligada eles não queria disligá...” (Mestre Guego)(13). Nesse sentido, a família Bezerra abdicou de suas prerrogativas para poder dar continuidade à sua prática devocional.

Cantando ao lado de Mestre Cássio já há seis anos, Guego aprendeu quase tudo o que sabe com o velho Mestre:

(...) o Cássio é mais Mestre, no caso, que ele entende mais. Agente, como eu posso dizê? A gente aprendeu com ele, nunca sabe tudo (...) numa comparação, ocê qué vê: nós

fumo amarrado (tiveram a bandeira presa) num sítio aí pra frente do Monte Rosa; e ele canto coisa que eu nunca vi cantá. Então onde eu digo que ele sabe mais” (idem).

*Se por um lado* o conhecimento ritual de Mestre Cássio, na falta de maior interessado, esta passando paulatinamente às mãos de um estranho – como já vimos, a única relação de parentesco que une as famílias Mateus e Bezerra é o compadrio entre o patriarca Bezerra e o *Finado* Moacir. *Por outro*, Mestre Cássio aproveita-se da disposição do jovem Mestre para sair pouco em peregrinação, e cantar menos ainda (mais de uma vez o Mestre alegou-me estar velho e cansado), sendo acionado apenas nas horas em que é preciso sacar um verso mais difícil para algum entendimento ou para soltar a bandeira; ou ainda, num arroubo de vaidade para bancar seu conhecimento:

“Eu, como diz, venho correndo por fora; na hora de precisão a gente ta sempre encostando” (Mestre Cássio).

A exemplo da personagem anterior, o dono da companhia é regra entre os foliões: todos, com raras no grupo. Assim, enquanto dois palhaços atuam, seus substitutos podem estar tocando algum instrumento; enquanto um contra-mestre está cantando, o outro toca caixa ou flauta. Nesse sentido, além de cantar e orientar os seus companheiros, os Mestre Cássio e Guego tocam flauta e bumbo respectivamente.

## **CONTRA-MESTRE**=====

Laurico e Antonio Messias (o primeiro, um dos fundadores da “Compania”) são os contra-mestre da “Compania” do Cidão. Láurico é contra-mestre e ‘cumpadi’ de Mestre Cássio; e Messias é contra de seu irmão, Guego.

A função do contra-mestre é pouca – talvez para não empanar o brilho do mestre: ele tem que repetir simultaneamente o que o mestre canta num tom acima (é a chamada segunda voz).

Ambos revezam-se nos instrumentos; Láurico na “**flauta**” e Messias na caixa.

## **BANDAIREIRO**=====

É quem leva a Bandeira da “Compania”, objeto de culto entre foliões e devotos dos Santos Reis. A Bandeira segue à frente do grupo e atrás dos palhaços. Ela traz no topo, várias flores de plástico baratas, já bastante descoloridas. O seu corpo é de tecido vermelho (também já descolorido e puído) com uma gravura dos Magos colada em seu centro – uma reprodução do tipo “**santinha**”, da cena da adoração do menino-Jesus, medindo aproximadamente 15 x 10 cm.

Costuradas à bandeira (cosidas sem nó) seguem as promessas: fotos e fitas em sua maioria – algumas são muito antigas; duas camisas de criança, algumas notas de mil

cruzeiros e uma chapa radiográfica ( a “**chapa**”), elemento preferido no momento em que se reverencia a bandeira, beijando-a e passando-a sobre a cabeça. Quando uma das promessas se desprende da bandeira e cai, não se deve pega-la pois é sinal de que já venceu, já foi cumprida.

Todo objeto novo preso à bandeira, deve ser imediatamente louvado pelo Mestre. Se por algum descuido, ou engodo, o Mestre deixar de louvá-lo, corre o risco de ter a bandeira “**presa**” pelo dono da promessa.

Este ano Mestre Cássio substituiu a velha bandeira por uma nova. Quando eu perguntei o motivo, mais do que depressa, Tonhão, o bandeireiro, desafiou: “óia o peso dela, (a antiga), pega lá!”. Pleno de promessas, o estandarte chega a pesar uns 7 kgs.

O feitio de uma nova bandeira, não pressupõe qualquer atitude sacra: “Ocê vai lâ na loja; é comprá (o pano) e fazê”, receita o Mestre. Apenas se deve ter o cuidado de tirar a gravura dos Reis da bandeira velha e passá-la à nova. Deve-se também observar a seguinte conduta: a bandeira velha deve ser abandonada em alguma Igreja ou capela de fazenda. E se alguém mexer, pergunto? Ao que responde em tom de predição o velho mestre:

“Ah, não deve se saí bem disso não!!!

Por fim, Bandeira pe também sinônimo de Folia.

## OS MÚSICOS=====

Segundo Mestre Cássio, existe quatro tipos de Folias de Reis: A Paulista, a Carioca, a Mineira e a Bahiana. A diferença estaria fundamentalmente, no número de cantores e nos instrumentos utilizados em cada uma delas. A “Compania” Paulista seria composta de cordas e percussão; a Carioca por 6 cantores e os mesmos instrumentos da anterior. Já a mineira é reconhecida pelos seus 12 cantores (mestre, tala, retinta e duetos), seus instrumentos de corda (viola, violão, violino, cavaquinho...) e “uma caixinha só”.

*Bahiana* auto-intitula-se a “Compania” do Cidão. Essa modalidade é composta por apenas 2 cantores (o Mestre e o Contra-Mestre – 1ª e 2ª voz, como nas duplas sertanejas), instrumentos de percussão na marcação e, o diferencial, as flautas (“se não tive frauta não é Bahiana” diz o Mestre), responsáveis pelo fraseado, pela linha melódica da música.

Ao todo são 6 instrumentos (2 flautas, 2 caixas, 1 bumbo, 1 pandeiro; vez ou outra aparece 1 chocoalho e 1 reco-reco) e 12 instrumentistas estáveis – esse número pode variar. É muito comum, por exemplo, aparace um ex-folião vindo de longo, engrossar o time dos músicos ou outro pode “**faiá**” um final de semana. Mas o normal é sobrar músicos Folia.

Como já vimos, boa parte dos foliões revezam-se entre os vários instrumentos; para flautistas (quando o naipe fixo é de apenas 2) : “**seo**” Bezerra, Nanico, um compadre do “**seo**” Bezerra, o Contra Láurico e Mestre Cássio.

Abro aqui um parênteses para falar instrumentos da “Compania” de Reis: rústicos, a maior parte deles é fabricada e restaurada pelos foliões (com exceção da flauta, que é de cada flautista, todos os outros instrumentos são de propriedade e responsabilidade do Dono da “Compania”), verdadeiros **“bricolleurs”** Levi-Straussianos: a partir de um repertório dado- resíduos industriais (tambores de veneno agrícola, tubos de cobre e pvc...) e matéria-prima natural (cêra silvestre, madeira de arbustos nativos, couro de animais selvagens e domésticos, taquara...) – o artesão/folião irá construir e reciclar seus instrumentos de devoção.

O fabrico de flauta, por exemplo, é dos mais interessantes. A receita é de Benedito Ferreira, o Nanico, meu principal informante, que, por sua vez, teria aprendido de seu pai Nenê Ferreira, tradicional **“reizêro”**: o corpo da flauta deve ser de taquara madura (do tupi, ta'kwar), uma espécie de bambú; ou ainda de cano de pvc (recomendou-me a marca TIGRE) ou cobre, de aproximadamente meia polegada – “da grossura do mata pioio”. O som produzido pela flauta de taquara é o mais desejado; as outras dão som muito alto (o ideal é uma flauta de taquara, para a primeira **“voz”**. E uma da pvc ou cobre para a segunda **“voz”**).

Da embocadura ao pé da flauta (28 cm. Aproximadamente), o artes/ao fará 7 furos (8 se contarmos o labium), assim divididos: metade da câmara de ar deve ser preenchida com cera de abelha jatahy – variedade de abelha silvestre – eu dá melhor ‘ligadura’ (é de um pastoso consistente, não esfarelado como a da abelha Europa e similares). A câmara de ar pode ser moldada com qualquer objeto longo e chato (o ideal é uma palheta); até mesmo um palito de fôrforo.

Outro instrumento de fabricação ‘caseira’ é a *Caixa*. Como já foi dito, este e outros instrumentos de percussão do grupo, são de propriedade, guarda e responsabilidade do Dono da “Compania”. É ele também quem o constrói e zela sua manutenção.

Para a estrutura deste instrumento de tamanho médio (com 40 cm. De diâmetro, aproximadamente), o artesão utiliza comumente latas de tambores de veneno agrícola, ou similar. O couro do instrumento será de veado ou carneiro; tudo irá depender da portaria, ligoirêza ou ainda, disposição do **“bricolleur”**. Segundo a opinião geral, o couro do veado é o mais apreciado.

Consta que o *Finado* Moacir, antigo Dono da “Compania”, possui uma **“ciência”** (palavra textual) toda especial para obter do couro um melhor rendimento: a peça deveria dormir por uma, até duas noites em leite de vaca, a só ser fixada ao instrumento durante a noite; isso porque, o couro fixado de dia, sob o calor do sol, sofre o processo de dilatação. Com o cair da tarde e da temperatura, a superfície volta ao estado original, deixando o som **“xôxo”**.

O aro que irá prender o couro à caixa, é de madeira do **“arranha-gato”** – ou nhapindá, arbusto alto, pouco fornido e espinhento – que 2 ou 3 dias após o corte, quando houver **“murchado”**, adquire excelente envergadura.

Durante a prática ritual, cada músico-folião é responsável por seu instrumento que, sob hipótese alguma, pode ser abandonado ou posto de lado na casa de qualquer devoto,

não importando o motivo, correndo o risco de vê-lo “preso” simbolicamente pelo dono da casa.

## O MACUCO=====

O macuco é quem carrega as esmolas e as prendas angariadas durante a peregrinação, que podem variar de papel-moeda à leitõezinhos, ovos galinhas etc (estas últimas são marcadas em um caderninho e requisitadas dias antes da festa).

Normalmente, utiliza-se uma criança para tarefa.

## PALHAÇO=====

É a personagem que mais chama atenção no grupo de Reis; isso porque em tudo ele é o oposto em relação aos demais foliões: enquanto estes trajam-se com roupas comuns, aquele usa máscara (o “capacete”) e vestimentas espalhafatosas (a “farda”); enquanto os foliões mantêm-se compenetrados e sérios, o palhaço excede-se em falas e gestos largos, sapateados e arrelia. Pode-se dizer que enquanto os primeiros mantêm uma atitude profana, de deboche.

No entanto, sua atitude profana é justificada e legitimada na medida em que serve a um propósito ‘elevado’ – quando mais arrelento e malandro, quando mais ‘pidão’, mais esmolas o palhaço arranca ao dono da casa – fruto de uma determinação divina:

“(…) porque quando Deus andô no mundo. Ele ganhava muito (...) aí foi quando ele passou a missão a São José e Nossa Senhora (...) a primeira pessoa que pediu no mundo foi São José e Nossa Senhora. Porque Deus também ganhou esmola; só que ele nunca pediu. Só que se ocê dava ele levava; se ocê não dava... Agora, ele ganhava pouco. Aí, no eles seguiu o caminho, eles andaram muito, toparo um anjo – Gabriel, o anjo chamava Gabriel; aí em conversa eles falaram que tinha que pegar esmola... que eles vinham retornando de Belém – quando eles foram, eles pediram nada pra ninguém (...) Aí o anjo, usava um capacete (máscara), o anjo deu aquele capacete pra eles: ocês podem usar esse capacete fazerem graça... ocês iam ganhar mais. Aí o paião apareceu... onde fala que o paião apareceu. Eles deram o capacete pro...Isaias! chamava aquele, o homem que eles deram o capacete. Ocê vai na nossa frente? Ele foi na frente fazerem graça e eles ganharam a oferta pra poderem voltar. Por isso que existe paião na Companhia de Reis. Que dizê: o paião não acompanho os Três Reis, de jeito nenhum. Eles acompanho São José e Nsa. Senhora (...) o paião tem que andar na frente pro caso disso. Na bandeira tem os Três Reis, mas tem o desenho de São José e Nsa. Senhora (...) enquanto os Reis foram a cavalo, ele foi. Não preciso de nada... Então ele vai na frente pra poderem aumentar a oferta que eles pudessem voltar” (Mestre Cássio)

Além de engariar esmolas durante o giro da “Companhia”, Respondendo e charadas e dançando a “marmelada” para o dono da casa (e, nesse sentido, ele não canta e nem toca nenhum instrumento), o palhaço tem por encargo maior proteger o estandarte, evitar a “prisão” ou “amarração” da bandeira do grupo. E o que significa isto?

Antes da Companhia entra em uma casa para o pedido de esmola para **“Santo Reis”**, o palhaço deve vistoriá-la, procurando a imagem ou **“quadro”** (gravura) de algum Santo – objeto sempre presente na casa de cabôclo devoto; invariavelmente a imagem do anto protetor, o **“caração de Cristo”** ou ainda do retrato de casamento retocado dos donos da casa, ou de velho parente. Encontrando a imagem, o palhaço irá comunicar ao Mestre, que cantará louvando-a. Isso, volto a repetir, *antes de adentrar* á casa. Se este procedimento não for o observado, o dono da casa poderá prender simbolicamente a bandeira, bem como os instrumentos da Companhia, só liberando-os após a cantoria de algum verso mais elaborado (**“difícil”**) – como por exemplo, as 25 quadras do **“Padecimento”**. Se o mestre for novato no ofício, babau!

Talvez por isso, referir-se ao palhaço, Mestre Cássio diga que se trata de um **“policial (...) um chefe de bandeira”** e também, no fim das contas, como que reafirma o mito (reforçado a tensão sagrado/profano intrínseca à personagem) **“o Judas, porque traiu Cristo mascarado” (14)**.

A sua indumentária é composto por máscara, farda e espada. A máscara confeccionada com pelego (a pele com a lâ do carneiro) vazada nos olhos e na boca, é encetada por um chapéu cônico, estruturado com bambu e revestimento pelo mesmo tecido da farda, uma espécie de pijama de chita, chitão ou similar.

A espada, ou facão, esculpida em madeira, traz pintada nos chanfros do gume a inscrição **“viva Santo Reis”**. Este objeto constitui-se poderoso instrumento de defesa simbólica: aquilo que sob os facões cruzados dos palhaços (**“que representa uma cruz”**) não pode ser tocado por qualquer um, mas apenas pelos palhaços e pelos foliões – durante o descanso da “Companhia”, no intervalo para um cafezinho ou copo de pinga, é sob os facões cruzados dos palhaços que instrumentos e os objetos rituais do grupo são deixados. Nas, se por algum descuido o palhaço entregar seu facão para qualquer denoto mal intencionado, este último terá controle total sobre a personagem.

Segundo Mestre Cássio, quem teria cedido a espada aos palhaços de **“Santo Reis”**, teria sido a **“Dona”** Joanna D’arc:

“(…) que foi e primêra que Guerrêo, e ela guerrêo pra defende Jesus. Foi a primêra que uso as defesa (...) Aí a Joana D’arc servui os facão. Não è uma espada, nós fala e os paiáço usa hoje (...) é uma defesa deles”.

Como as demais personagens rituais, o bom palhaço se faz na prática; somente atuando ao lado de outros palhaços experimentados é que o aspirante irá dar conta do procedimento ritual. Mas só isso é o suficiente: o bom tem que ser malandro para ‘amarrar’ uma Companhia concorrente; ‘veiáco’ para saber responderá uma pergunta e ligeiro nos pés para dançar a ‘marmelada’.

Atualmente, quando irmão da família Bezerra e dois filhos Mestre Cássio revezam-se papel dos três palhaços da “Companhia” do Cidão.

## **FESTEIRO=====**

É aquele para que a bandeira está saindo: Ao ter a sua graça atendida pelos “**Santo Reis**”, o festeiro/promesseiro retribuirá “**soltando**” a bandeira durante quantos anos prometido – de uma a sete anos.

Assim, é da sua casa que a bandeira sairá em peregrinação e é para lá que ela deverá ao término da jornada, no dia 6 de janeiro, onde recebida com grande festa, organizada por ele – as despesas da festa serão com o dinheiro arrecadado durante o “**giro**”. Qualquer despesa extrasairá do bolso do festeiro.

Com o cumprimento de sua promessa, novo festeiro assumirá a tarefa de soltar a bandeira. A transferência é simbólica com a passagem de uma coroa do antigo para o novo festeiro do ano.

Em marcha, entre uma casa e outra, o elenco da “Compania” se distribui da seguinte forma:

### **Palhaços**

#### **Bandeireiro**

**Mestre**

**Contra-Mestre**

**1ª Flauta**

**2ª Flauta**

**Bumbeiro**

**Caixeiro**

**Pandeireiro**

#### **Músicos Descansados**

#### **Molecada Aprendiz**

## **III O PROCEDIMENTO RITUAL=====**

Eram aproximadamente 23 horas do dia 21 de novembro, um sábado, quando Mestre Cássio fez as últimas recomendações aos seus foliões, ainda na porta da casa do festeiro, antes de seguirem jornada: lembrou-lhes que aquilo era “**devoção santa**” e advertiu-os contra os excessos, principalmente no que diz respeito á bebidas alcólicas.

Após estas falas, os foliões começaram a tocar seus instrumentos e o velho Mestre cantou a *Saída da Bandeira (15)*:

Oi que coisa tão bonita  
Que fizemos aqui agora

Oi que coisa tão bonita  
Que fizemos aqui agora

Reuniu meus fulião  
Dentro da sua morada  
Reuniu meus fulião  
Dentro de sua morada

Deus lhe sarve ó casa Santa  
Onde feliz a morada  
0Deus lhe sarve ó casa Santa  
0Onde Deus feliz a morada

Onde mora Deus minino  
Mora a óstia consagrada  
Onde mora Deus minino  
Mora a óstia consagrada

Senhori dono da casa  
Peço licença primêro  
Senhori dono da casa  
Peço licença primêro

Prá chamar os meus paiáço  
Vou juntá a Compania  
Prá chamar os meus paiáço  
Vou juntá a Compania

Quero vê minha bandêra  
Cheia de fita amarela  
Quero vê minha bandêra  
Cheia de fita amarela

A bandeira aparece á  
porta da casa e sai

Ela é a nossa guia  
Não posso cantá sem ela  
Ela é a nossa guia  
Não posso cantá sem ela

O Divino Santo Reis  
Quando foro pra Belém  
O Divino Santo Reis  
Quando foro pra Belém

Quem saiu foi uma rosa  
Quem chego foi uma flor  
Quem saiu foi uma rosa  
Quem chego foi uma flor

Paiáço pedi licença  
E apareça no salão  
Paiáço pedi licença  
E apareça no salão

Pareceu os meus paiáço  
Compretô minha Compania  
Pareceu os meus paiáço  
Compretô minha Compania

Na frente dessa bandêra  
Ele é o meu guerrêro  
Na frente dessa bandêra  
Ele é o meu guerrêro

Ele óia minha bandêra  
E também minha Compania  
Ele óia minha bandêra  
E também minha Compania

Agora vô gardecê  
Minha Nobre Compania  
Agora vô gardecê  
Minha nobre Compania

Santo Reis que lê abençoe  
Esse é meus dois parcêro  
Santa Reis que lê abençoe  
Esse é meus dois parcêro

E também o meu bumbêro  
E também o meu caxêro  
E também o meu bumbêro  
E também o meu caxêro

E também meus fulião  
Seja là que acontecê  
E também meus fulião  
Seja lá que acontece

Ò meu nobre fulião  
Na bandêra vem pegá  
Ó meu nobre fulião  
Na bandêra vem pegá

O Divino Santo Reis

Os palhaços saem da  
casa aos berros:  
-Currupaco-papaco!  
o patrão

Daí por diante, um a um, verso sim/verso não,  
os foliões se benzerão ajoelhados à frente da bandeira,  
beijando-a e passando-a sobre a cabeça descoberta.

Outro folião empunha o estandarte

Veja aonde foi pará  
O Divino Santo Reis  
Veja aonde foi pará

Santo Reis que lê abençoe  
No lugar do seu padrinho  
Santo Reis que lê abençoe  
No lugar do seu padrinho

O Divino Santo Reis  
Já pode trocá de mão  
O Divino Santo Reis  
Fá pode trocá de mão

Um devoto pega a bandeira

Quem pego nessa bandêra  
Eu não sei quem é que é  
Quem pego nessa bandêra  
Eu não sei quem é que é

E filho de Deus-Minino  
É neto de São José  
É filho de Deus-Minino  
É filho de São José

Santo Reis que lê ajude  
Co'essa bandêra na mão  
Santo Reis que lê ajude  
Co'essa bandêra na mão

O meu nobre banderêro  
Na bandêra vem pegá  
O meu nobre banderêro  
Na bandêra vem pegá

Aqui o devoto entrega o estandarte para  
o bandeireiro da Companhia.

O Divino Santo Reis  
Viajava pra Belém  
O Divino Santo Reis  
Viajava pra Belém

Ele foi cantano Reis  
Que é pra nós cantá tamém  
Ele foi cantano Reis  
Que é pra nós cantá tamém

Na sola do seu sapato  
Correu água e nasceu flor  
Na sola do seu sapato

Correu água e nasceu flor

O Divino Santo Reis  
É fio de uma princesa  
O Divino Santo Reis  
É fio de uma princesa

Pede esmola que nem pobre  
Sendo dono da riqueza  
Pede esmola que nem pobre  
Sendo dono da riqueza

Vamos dar a despedida  
Como Deus Feliz em Belém  
Vamos dar a despedida  
Como Deus Feliz em Belém

Viva Santo Reis!  
Vivas!  
Vivas todos que aqui estão!  
Vivas!  
Viva o dono da casa!  
Vivas!  
Cabo ou tem mais patrão?

Os palhaços puxam os vivas. Todos respondem.

Com isto, bandeira e foliões só retornarão ritualisticamente à casa do Festeiro no dia 6 de janeiro, ao meio dia; quando então acontecerá a entrega da bandeira, última atapa ritual da Folia.

A partir de agora, bandeira, foliões, eu e você, leitor, estaremos em **“jornada Santa”** em nome dos **“Três Reis Magui do Oriente”**.

Nas semanas seguintes, a bandeira deverá passar por oito fazendas, fazendolas e sítios (São Roque, Colossi, Monte Rosa, Fazenda Helvitia, Zinha, Palmital, Santa Fé, Suco e Sítio Paraná – não exatamente nesta ordem) e por alguma casas da periferia de Monte Azul Pta... Este é o giro da bandeira, o roteiro que ele irá cumprir, previamente traçado pelo Mestre, pelo Dono da Compania a algum folião mais influente. Não há nenhum mistério nisso; tudo é muito simples: após 33 anos percorrendo as colônias da região, a “Compania” saber onde e por quem será recebida – as surpresas ficam por conta de alguma morte súbita ou conversão não menos. A única observação é que a bandeira nunca deve **“cruzar”** o mesmo caminho; ou seja: o caminho da ‘volta’ não deve ser o mesmo da ‘ida’; e a saída deve ser dada pelo lado direito da casa do festeiro.

Na noite do sábado seguinte à Saída da Bandeira, por exemplo, foram cantadas as duas colônias da Fazenda Monte Rosa, onde o grupo amanheceu o domingo na Folia. Foi aí, como já vimos onde surgiu esta “Compania” por iniciativa dos irmãos Mateus da Costa; e é aí também, onde ela possui a sua segunda maior clientela devocional: este ano, cerca de

20 famílias retribuíram com dinheiro, galinhas, e leitõezinhos a visita da bandeira às suas casas (em número de devotos, a Monte Rosa só fica atrás da fazenda do Suco, onde a “Compania” do Cidão possui cerca de 40 famílias).

Mas antes mesmo da Compania chegar à fazenda, um emissário é mandado à frente do grupo para pedir, forma um tanto protocolar, permissão ao administrador daquelas terras para o grupo “cantar” as colônias. A aquiescência é dada sem maiores problemas uma vez se trata de gente oriundo do lugar. O próprio administrador faz questão que o grupo “cante” a sua casa, todo ano, retribuindo a visita com um leitãozinho do seu terreiro.

Cumpridas as formalidades, o emissário retorna ao grupo que se prepara para visitar a primeira casa.

## Ô PATRÃO=====

Devido o adiantamento da hora, quase todos os devotos que labutaram de sol a sol, já se recolheram. O silêncio na colônia só é quebrando latido de um cachorro aqui e a resposta de outro acolá. Encontrando a porta fechada e as luzes fechadas e as luzes apagadas, os foliões entoarão um cântico lamurioso invocando a compaixão dos donos da casa:

Santo Reis saiu da noite  
Santo Reis saiu da noite  
Nóis aqui chego de dia  
Nóis aqui chego de dia

Santo Reis veio enviado  
Santo Reis veio enviado  
Por uma estrela guia  
Por uma estrela guia

Ô patrão! Gritam os palhaços.

Senhora dona de casa  
Senhora dona de casa  
Corre a mão no travesseiro  
Corre a mão no travesseiro

Acordai o seu marido  
Acordai o seu marido  
Que ta no sono primêro  
Que ta no sono primêro

Senhora dona da casa  
Senhora dona da casa  
Tenha piedade de dó  
Tenha piedade de dó

Abre esse portão sereno  
Abre esse portão sereno  
Coração de pedra dura  
Coração de pedra dura

Ô patrão, acorda! Parece que morreu!  
Currupaco papaco!

Essa porta não se abre  
Essa porta não se abre  
Fechadura de marfim  
Fechadura de marfim

Porta aberta luz acesa  
Porta aberta luz acesa  
Receba meus fulião  
Receba meus fulião

Viemo pedi esmola  
Viemo pedi esmola  
A festa do seu dia  
A festa do seu dia

U'a esmola abençoada  
U'a esmola abençoada  
A bandêra vai levá  
A bandêra vai levá

A bandêra leva uma  
A bandêra leva uma  
Deus põe outra no lugá  
Deus põe outra no lugá

Oi viva, oi viva  
Oi viva, oi viva  
Acendeu seus candeiro  
Acendeu seus candeiro

Esse é o tempo necessário para que o devoto vista alguma coisa e venha receber os emissários dos Santos. Na porta, à frente da bandeira, o palhaço pergunta ao sonolento dono(a) da casa:

-Recebe Santo Reis? Algumas vezes o dono responderá que só receberá a bandeira – isso ocorre quando existe criança de peito em casa (para não incomodá-la), ou ainda quando um dos cônjuges já acredita mais nessas “**crendice**”. Nesses casos, o bandeireiro entrega a bandeira ao devoto que percorrerá os cômodos da casa com o intuito de benzê-los. A operação não dura cinco minutos; logo o estandarte volta às mãos do bandeireiro com alguma esmola miúda.

Se a resposta for afirmativa, e o dono permitir a visita da “Compania”, alguns procedimentos deverão ser observados: Antes de entrar na casa, os palhaços examinam os batentes (“portal”) e atrás da porta na procura de alguma cruz, imagem ou quando santo (enfeite de natal inclusive: “(...) um sininho, uma flor (...) o *papai Noel*, porque faiz parte da árvore de natal”. M.Cássio). Encontrando algo, os palhaços cruzam seus facões em frente a porta e ‘dão a ficha’ ao mestre que deverá cantar louvando a imagem.

Se houver uma gravura representando da adoração do Menino-Deus, o Mestre cantará o *NASCIMENTO*: um épico que narra a Conceção, o Nascimento e a jornada dos Magos à Belém. Segundo Mestre Cássio, o poema possui 25 versos – na verdade são quadras e não versos. Ocorre que uma ocasião, os 2 Mestres da “Compania”, alternando-se na cantoria, ‘puxaram’ 54 quadras para o Nascimento; de onde se conclui que a estrutura do poema varia conforme a disposição e criatividade do cantador. Estes versos encontram-se no final do trabalho (segundo o velho mestre, o “**Reis**” – os versos rituais – é composto por 100 quadras divididas em 4 grandes poemas épicos : “**O Nascimento**”, “**o Padecimento**”, “**a chegada das Nuvi**” e “o Batizado”, cada qual com 25 quadras – que podem desdobrar-se, como já vimos, em 50, até 70 quadras).

Se a imagem for de algum Santo (não importa qual Santo), o Mestre cantará algumas poucas quadras para louvá-lo, exemplo:

Oi viva, oi viva  
Oi viva, oi viva  
São José e Nsa. Senhora  
São José e Nsa. Senhora

O rei salve cada canto  
O rei salve cada canto  
Onde Deus feliz a morada  
Onde Deus feliz a morada

Aqui mora Deus minino  
Aqui mora Deus minino  
Mora a óstia consagrada  
Mora a óstia consagrada

24 de dezembro  
24 de dezembro  
Meia-noite viro dia  
Meia-noite viro dia

Na hora que canta o galo  
Na hora que canta o galo  
Que nasceu Manoel Messias  
Que nasceu Manoel Messias (16)

Outra situação em que se procederá uma louvação, acontece quando a “Compania”, encontra na casa três meninas com menos de sete anos (em torno de). Segundo Mestre Cássio, essa é uma das situações rituais que mais exigem a atenção do Mestre; pois trata-se da “(...) coisa mais difícil que existe numa Compania de Reis pra entrá numa casa. Essas 3(meninas) representa as 3 *Maria*. É difíci...”

Nesse caso, o Mestre cantará dúzia e meia de quadras do Nascimento (a passagem onde os Três Reis Magos, perdidos, encontram as *Três Marias* – estrelas personificadas na figura de virgens (Virgens Marias?) – que lhe orientam o caminho para o salvador).

Encontrei as 3 Marias

Encontrei as 3 Marias  
Quando veio de Belém  
Quando veio de Belém

Foro visitá Jesus  
Foro visitá Jesus  
Fio que Maria tem  
Fio que Maria tem

Na hora que ela saiu  
Na hora que ela saiu  
Sua irmã ficô chorando  
Sua irmã ficô chorando

Na casa de São Gonçalo  
Na casa de São Gonçalo  
Fizero o primêro poso  
Fizero o primêro poso

São Gonçalo ele era pobre  
São Gonçalo ele era pobre  
Mas tinha bom coração  
Mas tinha bom coração

Deu a cama às 3 Maria  
Deu a cama às 3 Maria  
Ele foi dormi no chão  
Ele foi dormi no chão

No meio das olivêra  
No meio das olivêra  
A estrêla encapuço  
A estrêla encapuço

Aqui a estrela-guia se apaga (encapuço/capuz)  
e os Reis Magos ficam predidos.

Oi viva, oi viva

Oi viva, oi viva  
Viva lá na glória viva  
Viva lá na glória viva

Como já vimos anteriormente, se a “Compania” entrar sem louvar os Santos protetores daquela casa, o devoto dono da casa pode “preder”, ou “amarrar” simbolicamente a bandeira em sua casa, por até uma semana; ou até que o Mestre cante algum verso mais “difícil” para soltá-la.

Somente após cumprir este ritual é que a “Compania” poderá entrar na casa do devoto para escolar em nome “do Santo Reis”. A bandeira entrará na frente, seguida de perto pelos palhaços; se algum motivo o palhaço entrar *antes da bandeira*, aí é ele quem poderá ser “preso”. Se este for malandro, conhecedor do seu ofício, ele perguntará ao dono da casa:

-“Quer dizê que o paiáço ta preso?” ta, responde o dono. Ato contínuo, ele se despe da farda, Máscara, depositando-as aos pés do dono da casa e vai juntar-se à Compania do lado de fora gabando-se:

- “Gente, o paiáço fico lá...”

Na sala acanhada da casa do caboclo, os foliões entoarão o pedido de esmolas (normalmente 15, 20 pessoas, entre donos da casa, foliões, devotos e curiosos, comprimem-se num cômodo cuja medida não ultrapassa 4 m<sup>2</sup>, o que torna extremamente penoso o trabalho do grupo ritual). Se quem empunhar o estandarte for o Dono(a) da casa, o Mestre cantará:

O sol estro pela porta  
O sol estro pela porta  
A lua pela janela  
A lua pela janela

É o Rei e a Rainha  
É o Rei e a Rainha  
Adorando (segurando?) o Santo Reis  
Adorando (segurando?) o Santo Reis

Viamo tirá esmola  
Viamo tirá esmola  
Da família reunida  
Da família reunida

Os 3 Reis do Oriente  
Os 3 Reis do Oriente  
Mora no seu coração  
Mora no seu coração

Oi viva, oi viva  
Oi viva, oi viva  
Santo Reis já vai simbora  
Santo Reis já vai simbora

Terminada a cantoria, os palhaços, que estiveram na frente da bandeira todo o tempo, entoarão os vivas, respondidos por todos presentes:

- Viva o Santo Reis!
- Vivas!
- Viva os donos da casa!
- Vivas!
- viva todos que aqui estão!
- Vivas!
- (e voltando-se para o dono da casa)
- Cabô ou tem mais o patrão?

Normalmente, todos os membros da família querem segurar o estandarte; o palhaço então pega a esmola de quem esteve segurando a bandeira – que a entrega com a mão direita – convosco o macuco aos berros (-“ô recebedô!”) – que deverá receber a oferta também com a mão direita – a avisa a “Compania”:

- “Gardecê a esmola!”, ao que o Mestre entoa:

Louvado seja meu Deus  
Fulião se arreuniu  
Ai meu Deus...  
Fulião se arreuniu

Fulião se arreuniu  
Dentro da sua morada  
Ai meu Deus...  
Dentro da sua morada

Oi esmola abençoada  
Qua a bandêra vai levá  
Ai meu Deus...  
Qua a bandêra vai levá

A bandêra leva uma  
Deus pões outra no lugá  
Ai meu Deus...  
Deus pões outra no lugá

Os 3 Reis leva de tudo  
Dero de boa vontade

Ai meu Deus...  
Dero de boa vontade  
(vivas...)

Depois, quando outro membros da família empunha a bandeira, o palhaço avisa  
"Compania":

- "Bandêra trocô de mão'." Se o dono da casa passou a bandeira, por exemplo, para o filho  
pequeno, o Mestre cantará novo pedido de esmola:

Ó minha nobre bandêra  
Ó minha nobre bandêra  
Lá no chão se abaxô  
Lá no chão se abaxô

Ô minino abençoado  
Ô minino abençoado  
Um anjo que Deus crio  
Um anjo que Deus crio

Dá uma esmola ao Santo Reis  
Dá uma esmola ao Santo Reis  
Para ele lê ajudar  
Para ele lê ajudar

Santo Reis que lê abençoe  
Santo Reis que lê abençoe  
No lugar dos seus padrinhos  
No lugar dos seus padrinhos

Oi, viva, oi viva  
Oi, viva, oi viva  
Viva lá na glória viva  
Viva lá na glória viva

(Vivas...)

E agradecerá a esmola cantando:

Deus lhe pague, Deus lhe ajude  
Deus lhe pague, Deus lhe ajude  
A esmola qui vois deu  
A esmola qui vois deu

Santo Reis que lê abençoe  
Santo Reis que lê abençoe  
Toda hora e todo dia

Toda hora e todo dia

Os Três Reis do Oriente  
Os Três Reis do Oriente  
Corre a mão no seu cabelo  
Corre a mão no seu cabelo

Lá do céu lá vem caindo  
Lá do céu lá vem caindo  
Treis pingo de água de chêro  
Treis pingo de água de chêro

Quando mais viva nós damo  
Quando mais viva nós damo  
Mais vivá merece dá  
Mais vivá merece dá

(Vivas...)

E por aí vai. Mestre Cássio tem verso para moça solteira, grávidas, mãe e filha, pai e filho, pessoa doente etc. cada vez que a bandeira trocar de mão, o Mestre cantará um pedido de esmola específico (que não ultrapassará meia dúzia de versos rituais); após os vivas, o palhaço receberá a esmola das do devoto e perguntará ao dono da casa:

- “Cabô ou tem mais patrão?”

Algumas famílias costumam oferecer esmola em nome de algum entre defunto que, em vida, teria sido grande devoto dos Santos. Quando é assim, Mestre e foliões ajoelham-se e a música sai em tom grave, com o bumbo ‘delorido’ na marcação; os palhaços desdobrem a cabeça e não dançam, ajoelhados também em frente a bandeira.

Após a Cantoria, o dono da casa colocará, o dono da casa colocará a esmola no chão de onde o palhaço deverá erguê-la com o seu facão, sem tocá-la em hipótese algum com as mãos (17). Procede-se o agradecimento da esmola da mesma forma.

Durante os sucessivos pedidos a agradecimento de esmola, um a um, os devotos beijam a bandeira, passa-na sobre a cabeça, ainda alguma promessa (foto, roupinha de neném, fita...) no estandarte. Finda a cantoria, quando o dono da casa, após do palhaço, proclama em bom tom seu “**cabô**”, que parecia que nunca viria, é muito comum que a ‘patrôa’ saia com a bandeira pelos cômodos da casa: é a benzeção da casa, outro momento em que os palhaços devem ficar de sobreaviso.

Isso porquê, com a desculpa de ir benzer um cômodo, do casal, por exemplo, a devota(o) com segunda intenções poderá coser no estandarte, à socapa, fora das visitas dos foliões, uma promessa ou outro objeto qualquer (uma flor de plástico, uma fita etc). Toda nova promessa presa à bandeira, deve ser louvado pelo Mestre; e, se ele assim não proceder, o dono(a) da casa pode amarrar simbolicamente a bandeira etc. Assim, quando a

bandeira volta para a sala, entra em ação o palhaço, guardião de bandeira, que irá vistoriá-la ('bascuiá) cuidadosamente. Encontrando a promessa, o Mestre cantará maia dúzia de versos louvado-a:

Deus lhe sarve a Santa mão  
Que infeitô nossa bandêra  
Deus lhe sarve a Santa mão  
Que infeitô nossa bandêra etc

Finda esta etapa ritual, é a vez dos palhaços. Entre um gole e outro da pinga ou café, que a 'patrôa' ofereceu ao grupo ritual, o palhaço perguntará ao dono da casa:

- "Ô patrão, e o meu?" a que este responderá:

- "Ô seu ocê espera que tá guardado" ou ainda "num sei do seu" ou coisa que o valha.

Quando os foliões levantaram-se para seguir jornada, o dono(a) da casa joga uma nota no chão e desafia o palhaço:

- "Ô paiáço, agora eu quero vê ocê pegá isso daí" ou ainda "Ô paiáço, agora eu quero vê ocê cortá o queijo".

Imediatamente os palhaços cruzam seus facões no chão, segui dos pela Compania que 'ataca' uma modinha mais ligeira. Aí os palhaços dançarão a *marmelada*, que é uma espécie de catira, ou cateretê, sapateando nos vários dos facões cruzados, algum mais atléticos, evoluem de tudo quando é jeito;pulando agachados, deitando-se sobre os facões, sem tocá-los...

Os 3 palhaços dançam; quando a música parar, aquele que for mais ligeiro ficará com a oferta. Segundo Mestre Cássio, "o qua o paiáço ganhá ali, ele dá pra bandeira se ele quizé... Aquilo é dele".

Outra situação possível, é aquele onde, terminada a cantoria de pedidos e agradecimentos de esmola, o dono da casa desafia o palhaço com charadas e perguntas capciosas, como por exemplo:

- "Que hora que o galo canta?"

- "Qual é o pé direito da mesa?"

Uma tradicional é

\_ "Ô paiáço, de onde ocê vem?" a que o palhaço "conhecido" responderá:

"Eu venho de Roma  
E to ino pra Belém;  
Procurá Jesus Minino

Fio que Maria tem”

Poderá pedir ainda ao palhaço que ele dê “um pulo e meio” etc.

Se o palhaço não souber responder a qualquer uma destas charadas, ou cumprir as ordens do “**patrão**”, este último, como já vimos, terá total controle sobre a personagem, “**prendendo-o**” simbolicamente em sua casa.

Terminados os trabalhos na casa, antes que o grupo ritual saia, o palhaço convida a família devota para a festa que acontecerá no segundo domingo imediato ao término da jogada, na casa do festeiro do ano; ocorre que, ao fazer o convite, o palhaço indica uma condição estapafúrdia, errada, provocando risos e gracejos por parte dos convidados.

A saída da “Compania” se faz acompanhar por música e quando o espaço permite (e quase sempre não permite), da *Meia-lua*: partindo da direita, bandeireiro, músicos e palhaços rodam 3, 4 vezes em volta de uma mesa, ou, na falta desta, em volta de si mesmo. Logo, o bandeireiro se desloca do grupo para posicionar-se em frente à saída, com a bandeireira fechando a passagem; os foliões vem então em sua direção, virando-se de costas (“**de fasto**”) para ultrapassar o estandarte, que correrá pelo seus corpos como um franjado.

Saindo da casa os foliões se deslocarão em silêncio, na medida do impossível, até aproxima casa. Todo este complexo ritual aqui descrito será repetido, casa após casa, enquanto durar o “**giro**” – no caso específico, a “Compania” do Cidão possui uma extensa clientela devocional que soma algo em torno de *80 casas*. (Ocasionalmente, um ou outro faz de dar um almoço ou jantar aos foliões. Nesses casos, o grupo atrasará ou adiantará o “**giro**” para fazer coincidir com a refeição combinada. O Procedimento ritual é o mesmo observado em outras casas, apenas os versos podem fazer referência à gentil oferta; e, ao final da refeição, vivas serão proclamados aos donos da casa e à cozinheira).

## “CORRENTE MEUS FULIÃO”

Pouco antes de raiar o dia, vencidos pelo cansaço, o Mestre entende que chegou a hora de pedir pouso para a bandeireira. A casa escolhida será sempre a de um parente, amigo, ou gente de confiança. Após realizar as etapas rituais que já vimos, o Mestre cantará um lamuriante pedido de pouso para a bandeireira (e instrumentos rituais):

Os Treis Reis do Oriente  
Os Treis Reis do Oriente  
Viajaro muito dias  
Viajaro muito dias

Santo Reis saiu de Roma  
Santo Reis saiu de Roma

Em Belém foro chagá  
Em Belém foro chagá

E o senhor dono da casa  
E o senhor dono da casa  
Viemo ti amolá  
Viemo ti amolá

Cheguemo na sua casa  
Cheguemo na sua casa  
De não guentá mais andá  
De não guentá mais andá

Escoiemo a sua casa  
Escoiemo a sua casa  
Para nós si discansá  
Para nós si discansá

Pra guardá nossa bandêra  
Pra guardá nossa bandêra  
E s nossos instrumento  
E s nossos instrumento

Fulião está cansado  
Fulião está cansado  
Vem vindo de muito longe  
Vem vindo de muito longe

Vem vindo de muito longe  
Vem vindo de muito longe  
Não agüenta mais andá  
Não agüenta mais andá

Quando for sábado que vem  
Quando for sábado que vem  
Nóis tornamo aqui vortá  
Nóis tornamo aqui vortá

Reunir os fulião  
Reunir os fulião  
Para a bandêra levar  
Para a bandêra levar

O dia 6 de janêro  
O dia 6 de janêro  
Sua dona lê espera  
Sua dona lê espera

Por isso a minha bandêra  
Por isso a minha bandêra  
Não pode fazê demora  
Não pode fazê demora

Bandêra saiu pro mundo  
Bandêra saiu pro mundo  
Saiu em nosso cuidado  
Saiu em nosso cuidado

Ela não pode ser prêsa  
Ela não pode ser prêsa  
Nem meu sangue derramado  
Nem meu sangue derramado

Se essa bandêra fô prêsa  
Se essa bandêra fô prêsa  
Correntê meus fulião  
Correntê meus fulião

(Vivas)

Com isto, bandeira, instrumentos musicais, farda, “**capacete**” e espadas ficarão nesta casa até o próximo sábado; quando então os foliões lá retornarão para seguir adiante com a sua “**Jornada Santa**”.

Antes que Eu remeta os foliões de volta às suas casa um merecido repouso, peço ao leitor que me acompanhe numa rápida retrospectiva para melhor compreender os fatos que surgirão adiante.

Como já vimos, meia-centena de anos atrás, a “Compania” ou Folia de Reis saía a pé da casa do festeiro, no dia 25 de dezembro, em peregrinação esmolando, almoçando, jantando e pedindo pouso pelo caminho; retornando ao ponto de partida no dia 6 de janeiro, quando era recebida com grande festa – isso, vale lembrar, em um tempo em que o caboclo tinha uma autonomia relativa para administrar a sua jornada de trabalho.

Hoje, como já vimos, encontrando-se o trabalhador agrícola na condição de salariado puro, submetido a um horário de trabalho *fabril*, os foliões precisaram readequar a sua prática devocional à nova realidade. Este o motivo do ‘giro picado’, descontínuo, levado a cabo nos finais de semana.

Para poder atender a sua clientela devocional, o grupo passou e ssair em meados de novembro (não mais dezembro); já a partir do início desta década, a “Compania” adotou um outro de expediente mais sofisticado para “**apressar o giro**”, nas palavras de um folião – talvez a mais radical e violenta modificação (e que, certamente, não será a última)

incorporada à prática ritual: os foliões passaram a cumprir o percurso entre as colônias *de carro*:

“(...) se nós pára no Suco (a fazenda mais distante do ponto de largada da bandeira) e vem embora, se tem uma condução pra montá os fulião e vim embora, daí a bandeira, ela vem a pé! Vem 3 ou 4 ou 2 com ela. Nós saimo do Palmetal (outra fazenda) ali vizinho, viemo debaixo de um toró d’água... ele (Tonhão, o bandeireiro do grupo, que é fiscal da fazenda São Roque) co’a Toyota, de Toyotinha ele ai. Muntô todo em cima, 2 a pé co’a bandêra na frente e ele alumiano. Aqueles dois cansava, muntava, pegava otros dois... a bandêra teve que í a pé até onde ela teve que í. Qué dizê, que a bandêra é desse jeito”. (Mestre Cássio).

Existe uma controvérsia a este respeito; mais de um informante declarou-me que *também a bandeira* pode locomover-se de carro; não constituindo este fato em **“pecado”**:

“(A bandeira pode seguir de carro?) Acontece... pode. Não rem nada. Por exemplo, a gente ta no Suco, até o trevo é 12 km., tem 6 até no Monte Rosa. Ocê já penso o pessoal fezê a pé (...) Chega um cara, munta aqui, eu levo vocês até lá; não tem nada, *não tem pecado*. Então eles pega e vem de carro. Se por exemplo, não tem condução, então vamo embora, vamo embora, cabo e pronto. Então nós pega e vem a pé. Mas não tem nada a vê condução. Condução, quando acontece, por exemplo, chega um cara lá, o cara ta saindo, ocê pega e pede uma carona assim, *mais* é pra adiantá, sabe? Sempre quando para de manhã... ocê vê: canta uma noite inteirinha ali; cansa né? Tem uma carona, então o pessoal procura apressá im pouco mais, em terminá (...) é raro acontece, mas pode” (Benedito Ferreira, o Nanico, folião).

“(...) hoje em dia não é mais como antigamente; os fulião e a bandeira vai tudo de carro” (Neuza, devoto).

Na verdade, esta discussão não altera o fato em sí: se a bandeira ainda hoje, como quer o Mestre Cássio, segue a pé e os foliões de carro, é bem provável que num futuro próximo, ela seguirá de carro junto com os seus foliões.

Quando uma manifestação cultural se mostra anacrônica e inoperante, ou ela se ajusta e sobrevive, ou então 1) é incorporada por outro sistema melhor ajustado; 2) implora, dando origem e uma série de outros sistema 3) deixa de existir simplesmente.

Ao que indica, Mestre Cássio, os foliões e alguns devotos da “Compania” do Cidão, então buscando justar-se às mudanças (de toda ordem) que os atropelam em seu dia a dia de homem simples, como forma de preservar i seu complexo sistema de crenças e valores.

Após completar o ‘giro’, a Jornada Santa chega ao fim. Tomando um caminho diferente daquele da ida, a “Compania” pregara-se para entregar a bandeira ao festeiro do ano. Se o dia 6 de janeiro calhar de cair em um domingo, tanto melhor: o término da Jornada e a entrega do estandarte será celebrada pela comunidade devota como no tempo de seus pais e avós. Caso contrário, de o dia 6 coincidir com um de semana, ou sábado, quando os foliões de encontram ocupados no ‘eito’, trabalhando na lavoura, aí serão 2 as entrega da bandeira: uma no dia 6 de janeiro, quando então uma criança saíra com a

bandeira da casa de seu último pouso, para chegar ao meio-dia na casa do festeiro do ano, onde será recebida, sem música e sem cantoria, pela esposa deste e outras mulheres da Colônia; e a entrega ocorrerá no primeiro ou segundo domingo ao dia de Reis, quando todo grupo ritual, a “Compania” de Reis, partindo também do mesmo local, chegará, ao meio-dia, na casa do festeiro o procederá o ritual de entrega como manda o figurino (18).

Pouco antes do grupo chegar ao seu destino, um emissário toma a frente do grupo e corre a avisar a comunidade devota da proximidade da bandeira.

Todos aguardam ansiosos a chegada, principalmente o Festeiro e sua esposa, as personagens principais do enredo naquele dia-afinal, foi em cumprimento a uma promessa sua a bandeira, e a “Compania”, saiu aquele ano.

Quando o grupo aponta na estrada, as crianças desandam a gritar de euforia:

- “Alá! Ta chegando!”

- “Eu vi, eu vi!”

Batem palmas, pulam.

Da casa do festeiro a uma distância aproximada de 30 ms., foram erguidos 3 Arcos de bambu, ou taquara, enfeitados com diversas fitas coloridas e bandeirolas, ligados por uma espécie do coração de isolamento, também enfeitado, formando um corredor por onde a procissão deverá passar. Neste pequeno percurso a “Compania” de Reis irá representar, através de cantos e teatralização, a grande jornada que os 3 Reis Magos teriam empreendido à Belém para adorar Jesus recém-nascido.

Do primeiro Arco até a casa do festeiro, o grupo entoará o poema épico o “**nascimento**”. Segundo Mestre Cássio este poema é composto por 25 quadras que devem ser “**cantadas**”, nesta ocasião, obedecendo o seguinte esquema: oito quadras para cada um dos três Arcos e a última quadra na porta da casa do festeiro, antes de se adentrar à casa.

Na prática, este épico – que narra a concepção, o nascimento e a jornada dos três Reis Magos à Belém – não possui uma estrutura tão rígida como quer o velho Mestre : trabalhando com um repórter bastante extenso – que ultrapassa, acredito, a uma centena de quadras (para um único poema, o Nascimento. É preciso lembrar que existem 3 outros grandes épicos: “**O Padecimento**”, “**A chegada das nuvi**” e o “**Batizado**”) – o Mestre irá compor o poema de acordo com a ocasião, entremeando versos tradicionais com outros improvisados (isso ficará claro quando o leitor confrontar as “**duas versões**” do poema: a que segue abaixo, registrada por ocasião da entrega da bandeira em janeiro de 1988, e a que se encontra no final deste trabalho, colhido em outubro de 1987).

## OS ÓIO DE MARIA=====

Ao avistar o primeiro Arco, o Mestre grita aos foliões, que seguem dispersos pelo caminho, para formarem fila de dois. Os palhaços vão à frente do grupo. Brincam com o

povo que acompanha a procissão e dançam a “marmelada”. Chegando ao Arco todos param, alinhados e circunspectos. O palhaços “**basuciam o portal**” (à exemplo do que se fez com os batentes da porta da casa de um devoto) e fazem um final ao Mestre de que está tudo bem, de que a Companhia pode iniciar a jornada. Alguns foliões fazem o sinal dacruz e iniciam o “**Nascimento**”:

O Divino Espírito Santo  
Nas horas de Deus amém,  
O Divino Espírito Santo  
Nas horas de Deus amém, olerê, olará

Santo Reis saiu pro mundo  
Sem sabê pra onde í,  
Santo Reis saiu pro mundo  
Sem sabê pra onde í, olerê, olará

A estrela do Oriente  
Nessa hora parecia  
A estrela do Oriente  
Nessa hora parecia, olerê, olará

Mas não era uma estrela  
Era os óio de Maria  
Mas não era uma estrela  
Era os óio de Maria, olerê, alará

Os Maguí do Oriente  
Saíram berâno o mar  
Os Maguí do Oriente  
Saíram berâno o mar, olerê, olará

E a Dona Joanna D’arc  
Com seu veio bataião  
E a Dona Joanna D’arc  
Com seu veio bataião, olerê, olará

Convocô Senhor São Jorge  
Co’a sua espada na mão  
Convocô Senhor São Jorge  
Co’a sua espada na mão,

Aquele corrente de aço  
Co’as espadas arrebento  
Aquele corrente de aço  
Co’as espadas arrebento

Os palhaços cortam, com os seus facões de madeira, as fitas do primeiro Arco, que fecham simbolicamente a passagem.

O caminho se abriu

o grupo inicia a jornada

E a Santo Reis passô  
O caminho se abriu  
E a Santo Reis passô

O meio das olivêra  
Estrêla se encapuço  
No meio das oliveiras  
Estrêla se encapuço

Sem que eles percebêro  
Em Belém eles chegô  
Sem que eles percebêro  
Em Belém eles chegô

Eles não sabia aonde  
Que nasceu o Salvador  
Eles não sabia aonde  
Que nasceu o Salvador. Olerê, olará

Heródi lhe respondeu  
Aqui ele não nasceu  
Heródi lhe respondeu  
Aqui ele não nasceu

Já que ele é o Rei do mundo  
Sai aí pra procurá  
Já que ele é o Rei do mundo  
Sai aí pra procurá

Enquanto ele nascia  
Vim aqui lê avisá  
Enquanto ele nascia  
Vim aqui lê avisá

É o nosso Salvador  
Quero lê presenteá  
É o nosso Salvador  
Quero lê presenteá

Os Três Reis si dispidiu  
A caminho de Belém  
Os Três Reis si dispidiu  
A caminho de Belém

Foro encontrá Jesus  
Fio que Maria tem  
Foro encontrá Jesus

A “Compania” chega ao seguinte Arco; os  
palhaço gritam: “Ô moçada! Demoro mais  
chego!” (chegaram a Belém!)

Fio que Maria tem, olerê, olará

Os Maguí pedi licença  
Pra eles pode passá  
Os Maguí pedi licença  
Pra eles pode passá, olerê, olará

Quando a porta se abriu  
Santo reis passô contente  
Quando a porta se abriu  
Santo reis passô contente, olerê, olara

Eles foro caminhando  
Pro lado oriente  
Eles foro caminhando  
Pro lado oriente

Os Três Reis do Oriente  
Pra ajudá quem tá doente  
Os Três Reis do Oriente  
Pra ajudá quem tá doente, oelrê, olará  
Prá curar esta Senhora  
Carregando esta bandeira  
Prá curar esta Senhora  
Carregando esta bandeira

Prá Senhora abençoada  
Que infeitô os meu paiáço  
Prá Senhora abençoada  
Que infeitô os meu paiáço

Pareceu os meu paiáço  
Compretô minha Compania  
Pareceu os meu paiáço  
Compretô minha Compania, olerê, olará

E tamém um lindo anjo  
(...) Santo Reis  
E tamém um lindo anjo  
(...) Santo Reis, olerê, olará

E o anjo São Gabriel  
Que trouxe a notícia  
E o anjo São Gabriel  
Que trouxe a notícia

Ele que trouxe a notícia

Os palhaços cortam as fitas que fecham o segundo Arco, e o grupo retoma a jornada

Aqui o Mestre improvisa alguns versos em nome da mãe do bandeireiro da “Compania”, que, convalecendo de grave doença, segue levando o estandarte em paga a uma promessa. O chefe dos palhaços seguem ajoelhados, cumprindo uma promessa que havia contraído em nome da mãe de bandeireiro.

Alusão ao fato da mãe do bandeireiro confeccionar, todo ano, a “**farda**” dos palhaços da “**Compania**”.

O chefe dos palhaços segue rastejando.

Aqui o Mestre improvisa um verso louvando o anjinho que segue a procissão em paga a uma promessa.

Que nasceu o Rei do mundo  
Ele que trouxe a notícia  
Que nasceu o Rei do mundo

No meio das olivêra  
Estrêla se encapuçô  
No meio das olivêra  
Estrêla se encapuçô

Quando viu a Virgê Santa  
Santo Reis de ajoieiô  
Quando viu a Virgê Santa  
Santo Reis de ajoieiô, olerê, olará  
por

Neste momento, do outro extremo da colônia, um grupo de moças conduzindo a imagem da mãe do Salvador (19) precedida por dois palhaços, vem de encontro aos foliões. Tomados

Grande emoção, todos ajoelham-se e os palhaços descobrem-se face à imagem. Em pé somente a devota que conduz o estandarte. Estão juntos ao terceiro Arco (que representa a entrada da majedoura).

(...)

Feito o encontro das duas bandeiras de frente ao último arco, o grupo entoa mais meia dúzia de quadras, os palhaços cortam as fitas e a procissão toma o rumo da casa do festeiro. Param na porta, cantam mais três ou quatro quadras e todos, bandeiras, festeiro, foliões, devotos, curiosos – uma infinidade de gente – entram para a louvação do presépio (“**presépo**” ou “**lapinha**”). Na frente do grupo, o festeiro empunhando a bandeira de “**Santo Reis**” e sua esposa a de nossa Senhora.

Em um canto da sala foi armado um pequeno e um presépio de poucas figuras. Ali a bandeira será depositada e o Mestre deverá cantar louvando-a, bem como o presépio e a promessa do festeiro; nesse momento os palhaços se descobrirão e ajoelharão. Terminada a cantoria, ocasionalmente uma rezadeira poderá puxar um terço. Finda esta etapa ritual, os palhaços depositam sobre o altar a bandeira de “**Santo Reis**” a imagem da Santa e as flautas da “Compania”. Os outros instrumentos serão deixados aos pés do altar sob os facões cruzados dos palhaços (como já vimos, um poderoso instrumento de defesa simbólica).

Com isto está “**cumpre**” a promessa do festeiro naquele ano. A “**Jornada Santa**” também chegou ao final. Os que estavam ajoelhados levantam-se e muitos devotos vão beijar a bandeira. Ali ela ficará até meia noite quando então, após um lauto jantar onde serão consumidas as prendas arrecadadas durante a jornada (20), após a festa com música e dança, os foliões se reunirão ritualmente pela última vez para cantar a “**amarração da bandeira**” e se despedir do “**Santo Reis**”:

O meus nobre fulião  
O meus nobre fulião  
Escutai presta tenção

Escutai presta tenção

Dispidí dessa bandêra  
Dispidí dessa bandêra  
È a nossa obrigação  
È a nossa obrigação

Chegá primêro os flautêro  
Chegá primêro os flautêro  
E segundo os caxêro  
E segundo os caxêro

E dispois o bumbêro  
E dispois o bumbêro  
O Mestre e o Contra-Mestre  
O Mestre e o Contra-Mestre

E os meus nobre paiáço  
E os meus nobre paiáço  
Já fizêro sua obrigação  
Já fizêro sua obrigação  
Vamo dar a dispidida  
Vamo dar a dispidida  
Como Deus feiz em Belém  
Como Deus feiz em Belém

Os palhaços fecham e amarram a bandeira.

(...)

## **O EVANGELHO SEGUNDO MESTRE CÁSSIO E A COMPANIA DO CIDADÃO**=====

**DOCUMENTO: O NASCIMENTO (GRAVADO DO DIA 10 DE OUTUBRO DE 1987, NA CASA DE MESTRE CÁSSIO, COLÔNIA DA FAZENDA SÃO ROQUE, MONTE AZUL PAULISTA, SP. CANTARAM MESTRE CÁSSIO E CONTRA-MESTRE LÁURICO E MESTRE GUEGO E CONTRA-MESTRE MESSIAS)===**

No dia 13 de maio, aiai  
No dia 13 de maio, aiai  
Maria foi concebida, olerarai  
Maria foi concebida, olerarai

Maria foi concebida, aiai  
Maria foi concebida, aiai  
Prá ser a mãe de Jesus, olerarai  
Prá ser a mãe de Jesus, olerarai

Sexta- feira da paixão, aiai  
Sexta- feira da paixão, aiai  
Ela foi reconhecida, olerarai  
Ela foi reconhecida, olerarai

São José o carpinteiro, aiai  
São José o carpinteiro, aiai  
Pra sê o seu companhêro, olerarai  
Pra sê o seu companhêro, olerarai

São José tão pobrezinho, aiai  
São José tão pobrezinho, aiai  
Só tinha uma jumentinha, ilerarai  
Só tinha uma jumentinha, ilerarai

Convenceu a jumentinha, aiai  
Convenceu a jumentinha, aiai  
Para eles viajá, olerarai  
Para eles viajá, olerarai

E a virge ia muntada, aiai  
E a virge ia muntada, aiai  
São José ia puxando, olerarai  
São José ia puxando, olerarai

Viajaro 9 meis, aiai  
Viajaro 9 meis, aiai  
Sem lugar para morar, olerarai  
Sem lugar para morar, olerarai

No lugar que ele passava, aiai  
No lugar que ele passava, aiai  
Oi que lindo, maravilha, olerarai  
Oi que lindo, maravilha, olerarai

Santo Reis pedia esmola, aiai  
Santo Reis pedia esmola, aiai  
Maria agardecia, olerarai  
Maria agardecia, olerarai

Na metade do caminho, aiai  
Na metade do caminho, aiai  
Maria farto corage, olerarai  
Maria farto corage, olerarai

E o anjo do Senhor, aiai

E o anjo do Senhor, aiai  
Garantiu sua viagem, olerarai  
Garantiu sua viagem, olerarai

24 de dezembro, aiai  
24 de dezembro, aiai  
Meia-noite virô dia, olerarai  
Meia-noite virô dia, olerarai

Na hora que canta o galo, aiai  
Na hora que canta o galo, aiai  
Que nasceu Manoel Messias, olerarai  
Que nasceu Manoel Messias, olerarai

Galo preto de asa branca, aiai  
Galo preto de asa branca, aiai  
Cantava de alegria, olerarai  
Cantava de alegria, olerarai

Na hora que ele nasceu  
Na hora que ele nasceu  
Todos pássaro cantô, olerarai  
Todos pássaro cantô, olerarai

Até os anjo inocente, aiai  
Até os anjo inocente, aiai  
Cantavam em seu louvor, olerarai  
Cantavam em seu louvor, olerarai

Quando ia todos anjo, aiai  
Quando ia todos anjo, aiai  
Fizero uma romaria, olerarai  
Fizero uma romaria, olerarai

Quando correu a notiça, aiai  
Quando correu a notiça, aiai  
Teve festa em Israel, olerarai  
Teve festa em Israel, olerarai

E o Senhor foro avisá, aiai  
E o Senhor foro avisá, aiai  
O anjo São Gabriel, olerarai  
O anjo São Gabriel, olerarai

Os Maguí do Oriente, aiai  
Os Maguí do Oriente, aiai  
Preperaro seus presente, olerarai

Preperaro seus presente, olerarai

Adorá aquele minino, aiai  
Adorá aquele minino, aiai  
Filho que Maria tem, olerarai  
Filho que Maria tem, olerarai

Ele era do mundo, aiai  
Ele era do mundo, aiai  
Que nasceu pro nosso bem, olerarai  
Que nasceu pro nosso bem, olerarai

Até mesmo a bicharada, aiai  
Até mesmo a bicharada, aiai  
Fizero uma romaria, olerarai  
Fizero uma romaria, olerarai

E a nobre gambazinha, aiai  
E a nobre gambazinha, aiai  
O seu leite oferecia, olerarai  
O seu leite oferecia, olerarai

A fominha do Divino, aiai  
A fominha do Divino, aiai  
(...)  
(...)

O Minino alí chorava, aiai  
O Minino alí chorava, aiai  
Pelo frio eu lá fazia, olerarai  
Pelo frio eu lá fazia, olerarai

(Maria foi)? Puxá capim, aiai  
(Maria foi)? Puxá capim, aiai  
O menino ela cobria, olerarai  
O menino ela cobria, olerarai

E a marvada da mula, aiai  
E a marvada da mula, aiai  
O capim ela comia, olerarai  
O capim ela comia, olerarai

Nossa Senhora chorava, aiai  
Nossa Senhora chorava, aiai  
Desse jeito ela falo, olerarai  
Desse jeito ela falo, olerarai

Ó mula mardicoada, aiai  
Ó mula mardicoada, aiai  
Vai ficar sem produzir, olerarai  
Vai ficar sem produzir, olerarai

Quando chegaro em Herodi, aiai  
Quando chegaro em Herodi, aiai  
Pararo prá perguntá, olerarai  
Pararo prá perguntá, olerarai

Aqui ele não nasceu, aiai  
Aqui ele não nasceu, aiai  
Achando bem de avisá, olerarai  
Achando bem de avisá, olerarai

Já que ele é o Rei, aiai  
Já que ele é o Rei, aiai  
Eu também quero adorá, olerarai  
Eu também quero adorá, olerarai

Quero fazer minha visita, aiai  
Quero fazer minha visita, aiai  
E também presenteá, olerarai  
E também presenteá, olerarai  
Os Maguí do Oriente, aiai  
Os Maguí do Oriente, aiai  
Novamente sem destino, olerarai  
Novamente sem destino, olerarai

Na hora de dispidí, aiai  
Na hora de dispidí, aiai  
Nova estrêla alumio, olerarai  
Nova estrêla alumio, olerarai

No meio da olivêra, aiai  
No meio da olivêra, aiai  
Estrêla se encapuço, olerarai  
Estrêla se encapuço, olerarai

(...) sem eles percebo, aiai  
(...) sem eles percebo, aiai  
Em Belém ele chego, olerarai  
Em Belém ele chego, olerarai

Na hora que eles chego, aiai  
Na hora que eles chego, aiai  
A porta estava fechada, olerarai

A porta estava fechada, olerarai

Apiô, bateu na porta, aiai  
Apiô, bateu na porta, aiai  
Feliz a porta por abri, olerarai  
Feliz a porta por abri, olerarai

Nossa Senhora dizia, aiai  
Nossa Senhora dizia, aiai  
O anjo vai vê quem é, olerarai  
O anjo vai vê quem é, olerarai

O anjô vorto dizendo, aiai  
O anjô vorto dizendo, aiai  
É os Maguí de Nazaré, olerarai  
É os Maguí de Nazaré, olerarai

Quando viro Deus minino, aiai  
Quando viro Deus minino, aiai  
Os Magui se ajoieiô, olerarai  
Os Magui se ajoieiô, olerarai

Aqui, os foliões ajoelham-se.

E o presente que trazia, aiai  
E o presente que trazia, aiai  
Era de um grande tesôro, olerarai  
Era de um grande tesôro, olerarai

Corôo Jesus-Minino, aiai  
Corôo Jesus-Minino, aiai  
E dispois se alevanto, olerarai  
E dispois se alevanto, olerarai

Aqui, levantam-se

E tamém se dispidiro, aiai  
E tamém se dispidiro, aiai  
Pra sua terra vortô, olerarai  
Pra sua terra vortô, olerarai

Encontro co'as Treis Maria, aiai  
Encontro co'as Treis Maria, aiai  
A caminho de Belém, olerarai  
A caminho de Belém, olerarai

Viajamo do Oriente, aiai  
Viajamo do Oriente, aiai  
E Jesus fumo levá, olerarai  
E Jesus fumo levá, olerarai

E a Virge então dizia, aiai  
E a Virge então dizia, aiai  
Eu tamém quiria í, olerarai  
Eu tamém quiria í, olerarai

Os Treis Reis quando vortaro, aiai  
Os Treis Reis quando vortaro, aiai  
Fizero o primêro poso, olerarai  
Fizero o primêro poso, olerarai

Na casa de São Gonçalo, aiai  
Na casa de São Gonçalo, aiai  
Foi que eles escoieu, olerarai  
Foi que eles escoieu, olerarai

Ele era pobrezinho, aiai  
Ele era pobrezinho, aiai  
Mais tinha bom coração, olerarai  
Mais tinha bom coração, olerarai

Deu a cama ao Santo Reis, aiai  
Deu a cama ao Santo Reis, aiai  
E ele foi durmi no chão, olerarai  
E ele foi durmi no chão, olerarai  
Os Maguí si dispidiu, aiai  
Os Maguí si dispidiu, aiai  
Pra sua terra vortô, olerarai  
Pra sua terra vortô, olerarai

Vortaro pra Galiléia, aiai  
Vortaro pra Galiléia, aiai  
Pra sua terra natal, olerarai  
Pra sua terra natal, olerarai

Passarô berando o mar, aiai  
Passarô berando o mar, aiai  
Pra si livrá de Heródi, olerarai  
Pra si livrá de Heródi, olerarai

Levano suas caroá, aiai  
Levano suas caroá, aiai  
Que Ismael lhe ofereceu, olerarai  
Que Ismael lhe ofereceu, olerarai

E tirô suas batina, aiai  
E tirô suas batina, aiai  
O dia 6 de janeiro, olerarai

O dia 6 de janeiro, olerarai

No dia 6 de janeiro, aiai  
No dia 6 de janeiro, aiai  
É o dia dos fuliões, olerarai  
É o dia dos fuliões, olerarai

Nesse dia tão bunito, aiai  
Nesse dia tão bunito, aiai  
Fulião ficam contente, olerarai  
Fulião ficam contente, olerarai

No dia 6 de janeiro, aiai  
No dia 6 de janeiro, aiai  
Nóis temo uma romaria, olerarai  
Nóis temo uma romaria, olerarai

Prá entregá nossa bandeira, olerarai  
Prá entregá nossa bandeira, olerarai  
Que ando nomundo intero, olerarar  
Que ando nomundo intero, olerarar

Oi viva, oi viva, aiai

Oi viva, oi viva, aiai  
Oi viva, oi viva, aiai  
Viva lá na glória viva, olerarai  
Viva lá na glória viva, olerarai

## NOTAS

- (1) Em 1940 o governo Federal muda o nome da cidade para Itaçuqui, que em Tupi-Guarani quer dizer “pedra azul”, uma que já outro município com o nome de Monte Azul no estado de Minas Gerais. Este fato provocou uma onda de descontentamento e protesto por parte da população local até que, 24 de dezembro de 1948, município recebe a denominação atual (em Documento histórico de Monte Azul Paulista”. Moacyr Marocelli. 1980)
- (2) Entre 1890 e 1900 – em apenas dez anos portando, o estado de São Paulo viu duplicar o número de seus pés de café: de 220 milhões de pés para 520 milhões, resultado da marcha ‘go west’.
- (3) De um total de 1.243.633 italianos que imigraram para o Brasil entre os anos de 1876 e 1920, 365.710 (30%) eram *Vênetos* (In Zuleika M.F.Alvin “Brava Gente!”. Brasiliense, 1986).  
Além de um dialeto quase incompreensível, que supostamente teria dado origem ao falar arrastado, de ‘erres’ intermináveis, do povo do interior

paulista e sul-mineiro, os Vênets era possuidores também de uma profunda religiosidade (minha avó paterna era veneta. Adorava um santinho!). De um modo geral, “das paredes (de suas casas) pendiam imagens de Santos, cruxifícos, retratos de parentes distantes, quadros da família real, de Garibaldi ou mazzini (idem, pg.100).

- (4) Sublinhei a palavra colono várias vezes propositadamente. Tratar o lavrador, o trabalhador rural brasileiro por *camponês*, é frescura de marxista terceiro-mundista. Eles e Vicente Celestino. Mas a intenção da nota não era esta... Os fazendeiros de má fé usavam de um expediente bastante desonesto para amarrar o colono eternamente à fazenda: endividando-o – muita gente já tratou deste assunto; procurarei ser breve: os viveres vendidos aos *colonos* pelo entreposto comercial da fazenda, custavam o dobro, senão o triplo, uma quantia absurda qualquer do que custariam normalmente, em qualquer da cidade. Desse modo, chegado o fim do mês, o salário do colono era insuficiente para saldar o seu débito junto à fazenda. Muitos imigrantes se viram obrigados a fugir, para livrarem-se dessa situação atroz.
- (5) Atualmente, cerca de 6 famílias de colonos da Fazenda Monte Rosa (à 6 km de Monte Azul Paulista) possuem carro.
- (6) A descrição bíblica destes acontecimentos, está no Novo Testamento, nos dois primeiros capítulos do “Evangelho Segundo São Mateus”.
- (7) Estudando as origens da superstição brasileira, fundada no trinômio Ameraba, Português e Africano, Camara Cascudo observa que os “Indígenas e negros foram sendo conquistados, festivamente aos missionários. O problema surgiu quando perceberam que o processo catequístico tentava dar-lhes outra alma, mentalidade, critério, soluções “brancas” e não povoar as almas nativas com as luzes cristãs. Indígenas e africanos recolheram no recesso das memórias uma teimosa e pequenina capela para os seus deuses depostos. Não defendiam, psicologicamente, sua fé, mas a maneira de devoto às novas crenças, o caminho pessoal para a divindade. Esse *entendimento* foi o segredo do domínio Jesuístico” (Câmara Cascudo in “Tradição, Ciência do povo”, pg. 158).
- (8) Evidentemente o patrão cerceava esta autonomia ao máximo caso o índice de produtividade fosse comprometido. Mas, antes da consolidação das leis do Trabalho (CLT) em 1943, prevaleciam na zona rural, os dias Santos aos feriados. Nesse sentido, os devotos adiantavam o quanto podiam o serviço para entregarem-se corpo e alma ao ofício dos Santos nestes 12 dias.

Para melhor identificar e entender as relações de trabalho destes agentes religiosos, reproduzo aqui a definição de *colono* e *parceiro* de Caio Prado Jr., em artigo de 1960:

“Na lavoura cafeeira da São Paulo, o trabalhador residente fixo na fazenda (colono), percebe um salário fixo anual, pago em parcelas mensais, para cuidar de um certo número de pés de café; recebe mais outro pagamento por saco de café por ele colhido. Além disso, tem geralmente o direito de cultivar cereais (feijão, arroz...) por conta própria, seja intercalando sua cultura na parte do cafezal que lhe compete cuidar (seu “talhão” como se diz), seja aproveitando áreas separadas e especialmente cedidas para esse fim. Tem ainda o direito de manter uma pequena horta em torno de sua habitação, bem como criação miúda (galinha, porcos, cabras...) e também algum cavalo ou burro; mais excepcionalmente uma ou outra vaca”.

Na parceria, o proprietário de uma determinada porção de terra, cedia uma parte ao lavrador e a cultivava por conta própria. O produto era então dividido em proporção anteriormente estipulada (no caso do meeiro, p/ex, 50%). “Formalmente, diz Caio Prado Jr., teríamos aí uma aparência de parceria. Mas é só aparência formal, porque faltam outros elementos que caracterizam a parceria. Este instituto jurídico, como se sabe, participa ao mesmo tempo da locação de serviços e do contrato de sociedade. E é este último que prevalece, tanto que são subsidiariamente aplicáveis. Ora, nas relações entre proprietários e trabalhadores rurais, tal como se apresentam entre nós, não se observa nenhum traço do que seria uma “sociedade”. Além disso, há na parceria *cessão* do prédio rústico (art. 1410 do Cód. Civ.), o que não ocorre na situação que estamos considerando. O proprietário não transfere ao trabalhador nada que se assemelhe com a posse da terra. Conserva sobre ela seus integrais direitos como no caso de qualquer outro tipo de empregado; e dispõe mesmo do produto, fazendo ele mesmo a distribuição. É ainda o proprietário que dirige de perto, por si ou por seus prepostos, as atividades do trabalhador que não tem, como seria o caso na parceria, nenhuma autonomia e disposição sobre a cultura de que se ocupa (afirmação que eu relativizo). Na realidade e em essência, é um locador de serviços, um simples empregado perfeitamente assimilável ao assalariado de que se distinguem unicamente pela natureza de remuneração recebida”(in “A questão Agrária no Brasil”, pg. 61 e 63).

- (9) A capitalização do nosso setor agrário, foi decidida, como tudo neste país de bacharéis, ‘à golpes de pena’, com a instituição da CLT, estendida ao trabalhador rural durante os extertores do Estado Novo. Quero dizer com isso que a lei, mais uma tirada demagógica da política de compromissos Getulista, veio antes das condições estruturais necessárias à sua aplicação. De resto, como afirma Caio Prado Jr. Em artigo de 1963, os benefícios por ela instituídos, como salário mínimo por exemplo, demoraram a chegar ao “sertão”, permanecendo letra-morta por mais de 20 anos.

Em março de 1963, com a promulgação da Lei 4914 dispendo sobre o Estatuto do trabalhador rural, negligenciou-se, mais uma vez, ainda segundo mesmo autor, as particularidades da relação de trabalho pré-existentes, abrindo perspectivas para a fraude e não aplicação da lei, como de fato

ocorreu e ainda hoje ocorre em alguns estados da Federação (de Minas “pra riba”).

- (10) Quando em jornada duas bandeiras se encontram, os Mestres envolvem-se em situação de enfrentamento, cantando seus versos. Quando o repertório acaba, vence aquele melhor soube improvisar. O vencedor acaba ficando com as esmolos e a bandeira da Folia perdedora:

“Antigamente andava uns bahiano por Compania de Reis... descia prá tomá mesmo (as esmolos), prá tomá. Se eles encontrasse Compania que desse moleza, eles sabia, e tomava... era (Benedito Ferreira).

Acontece também de um Mestre desafiar o outro a troca esmolos. Quem tiver esmola maior, leva a do outro. Mestre Cássio conta que possuía um amuleto de defesa simbólica extremamente poderoso neste caso o *30 dinhêro*:

”É duas moedas, é uma de 20 e outra de 10. Encontrei uma pessoa que tinha *60 dinhêro* (...) era dinhêro branco, bem deferente (...). Foi o Juca Bahiano (antigo Mestre temido) que me deu (...) esse cara ma deu denhêro, falo assim porque ele me conhece molequinho (...). Foi minha defesa em muitas mão. Mas não sei como é que foi que eu vacilei que eu perdi... o *30 dinhêro*, porque *Jesus foi vendido por 30 denhêro*; aquele é o denhêro que ocê tem que pegá. Hoje, normalmente, pouca gente conhece o *30 dinhêro* (...) isso aí te valia muito, pra nós, num encontro de Compania de Reis, Principalmente, é uma coisa que vale muito porque ocê chega ocê encontra outra Compania de reis. Ocê canta, ocê fais uma parte , o outro fais a dele. Aí ele pode querê trocá esmola com você, numa comparação, é o que ocê dá a trocá e cada um pro seu rumo. Quando a pessoa é inguinorante, então vai até o fim; agora, ele pode puxá uma esmola que ocê não tem (...) por exemplo assim, um tostão... naquele tempo, uma coisa assim; hoje, num dinhêro grande, mil cruzados! Então ocê com *30 dinhêro*, aquilo era uma segurança... eu não sei onde guardei que... pronto” (Mestre Cássio).

No caso de encontro entre duas bandeiras, após os Mestres, os palhaços costumam desafiar-se, trocando perguntas capciosas e charadas como “Em que hora canta o galo?” ou “Qual é o pé direito da mesma?”. Aquele que não soube responder, fica com a esmola e a bandeira do outro:

“Lá na Paulicéia (fazenda da região) tem uma cruz; porque os paiáço, um perguntava e o outro respondia, um perguntava e o outro respondia. Dispos disputaram na espada... de espada um no outro... diz que um mato o outro. Tem uma cruz na Paulicéia. Até hoje não entra Compania de Reis lá por causa disso”(Mestre Cássio) .

- (11) “Com muita freqüência, rezadores, capitães de ternos de congos, foliões de Santo Reis, folgazões de São Gonçalo, velhos moçambiqueiros de várias cidades de São Paulo e do sul de Minas por onde andei, convocam seus

filhos homens, desde criança, para ocuparem cargo de trabalho ritual em seus grupos e colocam sobre eles a esperança de continuidade do “terno”, “Compania” ou “turma” depois de sua velhice e morte” (C. R. Brandão, “Os deuses...”, pg. 155).

- (12) É preciso levar em conta que a maioria dos foliões são analfabetos ou semi-alfabetizados. Para essa gente simples, o livro (não importa qual livro, pois trata-se do livro genérico:

“O fulano tinha *um* livro...” ou “o fulano leu *um* livro”) possui algo mágico – e não vai exgêro nessa afirmação – na medida em que é coisa para ‘iniciados’.

- (13) Diz C. R. Brandão: “A religião popular preserva os seus sistemas comunitários e o seu mapa ecumênico de serviços de clientela, enquanto o campesinato periférico que sustenta o eixo do seu sistema consegue preservar os seus restos de cultura nas áreas rurais invadidas e cercadas pelos campos e pela ordem da usina. Ou ela sobreviveu na cidade, enquanto os grupos subalternos dos bairros “de baixo” conseguem articular espaços políticos e ideológicos relativamente autônomos e capazes de reproduzir como imagem do mundo, a própria vida subalterna” (“Os deuses...”, pg. 145).

- (14) “Paiáço pedi licença  
Apareça no salão

Paiáço pedi licença  
Apareça no salão

Pareceu os meu paiáço  
Compretô minha Compania  
Pareceu os meu paiáço  
Compretô minha Compania

Na frente dessa bandêra  
Ele é o meu *guerrêro*  
Na frente dessa bandêra  
Ele é o meu *guerrêro*  
(Compania do Cidão)

“Há uma unanimidade na opinião de que os palhaços representam os soldados de Herodes, perseguidores do Menino, mas esta unanimidade muita variantes. Alguns Mestres dizem que os palhaços são Herodes, outros levantam a alternativa Herodes ou Satanás. Para os espectadores da folia, e para o povo em geral, os palhaços “tem parte com o diabo. Sabem-no e proclamam-no, aliás, os palhaços. Bredeguedes, da Folia Oriente Santa Maria

(Caxias/RJ), ao findar, despediu-se de sua extraordinária vestimenta com as seguintes palavras:

Despeço da minha farda  
De todo meu coração,  
Porque ela a mim não pertence  
E é da parte do cão...”

(em “Folias de Reis”, Zaíde Maciel de Castro e Arecy do Prado Couto).

O Folclorista Américo Pellegrini Filho, foi outro que encontrou referência semelhante para a personagem em questão o fenômeno Folia de Reis em Votuporanga de São Paulo.

- (15) Os fatos que seguem aqui descritos, ocorreram em 1987, ano da pesquisa. É bem possível que nos próximos anos, algumas modificações sejam incorporadas, e outras postas de lado, ao procedimento ritual. Nesta ocasião mesmo, após quase 15 anos, o “Giro” foi modificado, fato que causou algum constrangimento entre os devotos da região, que nunca sabiam quando a bandeira iria passar: até o ano anterior, “Compania” cantava a colônia de cima da Fazenda Monta Rosa na ‘ida’; e a colônia de baixo na ‘volta’ para não cruzar caminho. Neste ano, a Compania cantou as duas de uma só vez, na ‘ida’.
- (16) “23 Eis que a Virgem conceberá e dará luz a um filho que se chamará Emanuel (Is 7,14), que significa: Deus Conosco”. (I – Infância de Jesus (1-1). Evangelho Segundo São Mateus) “(...) Na Bíblia ocê acha isso. Deus conosco quer dizer Manoel Messias (...) meu pai sempre me dizia”(Benedito Ferreira, o Nanico).
- (17) “Quando alguém pede para cantar em lembrança de determinada pessoa já falecida, o ritmo é bem lento, as caixas não batem, nem o triângulo e nem o pandeiro; portanto só funciona os instrumentos de corda. Os palhaços tiram a máscara e se ajoelham, cruzando os facões, ficando próximo de quem fez o pedido da cantoria. A esta pessoa, ajoelhada, se entrega a bandeira, segurada com todo respeito. Terminada a cantoria, em geral é dada uma oferta em dinheiro, porém não é costume entregá-la em mãos: o ofertante coloca a quantia no chão, e depois o Mestre determina aos palhaços que a recolham. Eles não a recolhem com as mãos, mas usando o facão, com o qual apanham o dinheiro e o guardam na sacola (também chamada picuá ou embornal), onde são guardadas também outras coisas entregues a esses dois participantes”.
- (Sobre uma Folia de Reis de Votuporanga; em “folclore Paulista/Calendário e Documento” de Américo Pellegrini Filho).

É bem possível que o significado deste gesto – não tocar esmola de defunto com as mãos ‘limpas’ – tenham suas raízes em uma antiga superstição

caipira (“*abusão*”) que diz o seguinte: “(...) erguê o que cai num se deve: é das arma”. (in *Cornélio Pires*. “Conversas ao pé de fogo”).

- (18) Após a(s) chegada(s) *oficial* da bandeira, Mestre Cássio confidenciou-me que, vez ou outra, faz mais duas”extra”: para uma senhora em Bebedouro, que sai alguns dias com a bandeira “escotêra” (sozinha sem a “Compania” angariando esmolas nos bairros da periferia, que oferecerá, com uma festa, aos foliões – evidentemente por motivo de promessa; e outra chagada, no mesmo esquema, para um senhor de Monte Azul Paulista.
- (19) (E o que significa este encontro?) “Significa... foi um encontro feito. Porque quando Jesus vortô (...) ele vortô por outro caminho, aí ele encontro as treis Maria, Que indicô prele í (...) encontro com Nossa Senhora Santa Maria; nós falamo Nossa senhora pelo respeito. Porque Nossa Senhora de Jesus é Santa Maria. Fala Nossa Senhora é o respeito... Nossa Senhora é uma, Santa Maria á outra. É donde que o povo fala, mas como? Dia 12 é dia de Nossa Senhora da Aparecida, mãe de Jesus? Não, tamo enganado. Nossa senhora da Aparecida é uma, Santa Maria é outra (...) Então normalmente todo mundo encontra Santo reis com Nossa Senhora da Aparecida” (Mestre Cássio).
- (20) Acho pouco apropriado aplicar o conceito Maussiano de *Rodizio de Bens* ao espaço ritual da Folia de reis, como faz Carlos Rodrigues Brandão em “Deus te salve Casa Santa”/ O ciclo de Santo Reis (1979).

Como o próprio autor ressaltou em seu texto, Mauss analisou os “fundamentos da dádiva – ou dom – em sociedades primitivas ou arcaicas que não conheceram as leis de contrato e troca de mercado capitalista” (op. Cit. Pg. 45). Ora, nestas sociedades em que existem, segundo Mauss, duas categorias de bens, os de “consumo e partilha vulgar” e os “trocáveis”, os objetos que pertençam a esta última categoria “transmitem-se tão solenemente quanto se transmitem as mulheres no casamento, os ‘privilégios’ ao genro, os nomes e as guardas aos filhos e aos genros” (Marcel Mauss, Ensaio sobre o Dom”, pgs. 114/115).

Ocorre que estes objetos, que podem ser tão divertidos entre si quanto um coberto de pêlo, um celeiro de inhame e uma moeda de cobre, carregam em si, de forma intrínseca e sem distinção, um valor de troca – econômico (profano) e um valor mágico – totêmico (sagrado); e desta forma são pensados *cotidianamente*, desde o seu fabrico ou plantio, até o momento da troca; e de nova troca ... ad infinitum ou até que se extingam.

Já a esmola doada pelo devoto aos Santos Reis, encarnados na figura da Mestre e seus foliões, e que, segundo Brandão, conteria as mesmas qualidades dos bens “trocáveis” de Mauss, reveste-se de caráter mágico/sagrado apenas momentaneamente; até que se cumpra o ciclo de Santos Reis.

Evidentemente esta esmola retornará ao doador na forma de benção espirituais e proclamas sociais: louvores e graças ao doador etc. Mas, após o dia 6 de janeiro, encerrada a “Jornada Santa”, o porco voltará a ser porco (porco), o frango, frango e o dinheiro, difícil. Na verdade, acredito que mais do que os bens ofertados, a esmola ou a dádiva, o que realmente está investido de sagrado, são as relações que se estabelecem entre os membros de uma comunidade devota. Será nestas relações que o sagrado se perpetuará através das gerações.

## **BIBLIOGRAFIA**=====

### **LIVROS E ARTIGOS**=====

Alvin, Zuleika M. F. – “brava Gente!”. Brasiliense, 1986.

BERGUELMAN, Paula – A crise do escravismo a grande imigração”. Brasiliense, 1981.

BRADÃO, Carlos Rodrigues – “Os Deuses do Povo”. Brasiliense, 1986.

-----, “Os caipiras de são Paulo”. Brasiliense, 1985.

-----, “A Folia de Reis de Mossâmedes”. Caderno de folclore, nº 20 CDFB/FUNARTE, 1977.

-----, “Memória do Sagrado”. Ed. Paulinas, 1986.

-----, “Deus te salve Casa Santa”. FUNARTE, 1979.

CASCUDO, Luis da Câmara – “Tradição, Ciência do povo”. Ed. Perspectiva, 1971.

-----, “Antologia do Folclore Brasiliense”. Martins, 1965.

CASTRO, Zaide Maciel e Couto, Araci do Prado – “Foliões de reis”. CDFB/FUNARTE, 1977.

LEVI-STRAUSS, Claude – “Mito e significado”. Edição 70, 1985.

MAUSS, Maciel – “Sociologia e Antropologia”. – vol II.EPU/EDUSP, 1974.

PELLEGRINI Fº, Américo – “Folclore Paulista/ Calendário & Documento”. Secretaria de Estado da Cultura (SP)/Cortez Editora, 1985.

Pires, Cornélio – “conversas ao pé do Fogo”. Imprensa Oficial do Estado S.A./IMESP, ed. fac-similar, 1987.

PRADO JR., Caio – História Econômica do Brasil”. Brasiliense, 1953.

----- “A questão agrária no Brasil”. Brasiliense, 1981.

## **DEPOIMENTOS**=====

Mestre Cássio – gravado em sua casa, colônia da Fazenda São Roque, Município de Monte azul Paulista, no dia 29 de setembro e 10 de outubro de 1987. Fitas 1,2 e 4.

A Companhia do Cidão – gravado no mesmo local, no dia 10 de outubro de 1987. Parte ritual referente às músicas e versos. Fitas 3 e 4.

Mestre Guego – gravado na periferia da MonteAzul Paulista, no dia 10 de outubro de 1987. fitas 4, lado A.

Benedito Ferreira, o Nanico – gravado em Monte Azul Paulista, no dia 30 de outubro de 1987 na bar de Mario Magalhães.

## **OUTRAS FONTES**=====

Documento Histórico de Monte Azul Paulista; Por Moacir Marocelli. Comissão de festejos em louvor ao padroeiro Senhor Bom Jesus, 1980.

Fundação EDUCAR. Município de Monte Azul Paulista, maio de 1986.

IBGE – Coleção de Monografias Municipais. Nova série, nº 606, Bebedouro, junho de 1985.

